

Antologia de
CONTOS
do Ensino Fundamental



Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Antologia de
CONTOS
do Ensino Fundamental

São Paulo | 2019



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remixe, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Disponível também em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br>>

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Minéa Paschoaleto Fratelli - Coordenadora

ASSESSORIA TÉCNICA - COPED

Fernanda Diz Almeida da Silva

Fernanda Regina de Araujo Pedroso

**DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL
E MÉDIO - DIEFEM**

Carla da Silva Francisco - Diretora

EQUIPE TÉCNICA - DIEFEM

Amanda Martins Amaro

Cintia Anselmo dos Santos

Daniela Harumi Hikawa

Felipe de Souza Costa

Heloísa Maria de Moraes Giannichi

Hugo Luís de Menezes Montenegro

Humberto Luis de Jesus

Kátia Gisele Turolo do Nascimento

Kátia Sayuri Endo

Karla de Oliveira Queiroz

Lis Régia Pontedeiro Oliveira

Marcia Vivancos Mendonça da Silva

Rosângela Ferreira de Souza Queiroz

Uyara Vieira Costa de Andrade

**EQUIPE TÉCNICA SME
LÍNGUA PORTUGUESA**

Felipe de Souza Costa

Karla de Oliveira Queiroz

Kátia Gisele Turolo do Nascimento

Rosângela Ferreira de Souza Queiroz

**EQUIPE TÉCNICA DE FORMADORES DE
LÍNGUA PORTUGUESA E ALFABETIZAÇÃO**

DRE Butantã

Angélica de Almeida Merli

Silvana Bastos Pereira Mendes

Tathiane Graziela Hamada Cipullo

DRE Campo Limpo

Cecília Regina Carlini Ferreira Coelho

Cleomar de Souza Lima

Rita de Cássia Geraldi Menegon

DRE Capela do Socorro

Jaqueline Aparecida de Lima Matos

Michelle Fonseca Melo

Rosana Bueno

DRE Freguesia/Brasilândia

Juliana Nagahama

Júlio César de Carvalho Santos

DRE Guaianases

Luciano de Brito Leal

Silvana dos Santos Silva

DRE Ipiranga

Francisco Fabiano Dantas Santos

Iraíde Silva Ribeiro dos Santos

Rosana Meire Giannoni

DRE Itaquera

Liliane Aparecida Granzoti

Lúcia Ramalho Nunes Munis

Rosa Helena de Freitas Rogéria Carvalho

DRE Jaçanã/Tremembé

Larissa de Gouveia Fraga

Livia Ledier Felix Vieira

Simone da Silva

DRE Penha

Andréa Limones de Oliveira

Magali Lutizzoff

Simone Souza da Silva Cordaro

Soraia Regiane Carlos

DRE Pirituba/Jaraguá

Iracema Pereira da Silva Vastag

Patrícia Zerino Aguiellera

DRE Santo Amaro

Haroldo Everton Souza de Arruda

Solange Amália da Cruz

DRE São Mateus

Andréa Limones de Oliveira

Girseléy Alexandre Gonçalves Sato

DRE São Miguel Paulista

Alessandra Ribeiro Teixeira Justino

Rosana Carla de Oliveira

Taciane Pereira Quadrado Lopes

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Ana Rita da Costa - Projeto Gráfico e Ilustração

Angélica Dádario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Antologia de contos do Ensino Fundamental. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

130p. : il.

1.Literatura brasileira 2.Contos brasileiros 3.Escolas municipais
I.Título

CDD 869.9308

Código da Memória Documental: SME54/2019

Caros(as) estudantes, professores(as) e gestores(as) das EMEFs,

É com grande satisfação que apresentamos a vocês esta “Antologia de Contos do Ensino Fundamental”, uma coletânea de textos produzidos por estudantes do 3º ao 9º ano de nossas Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEF.

Trata-se de uma oportunidade ímpar de materializar e dar visibilidade aos trabalhos que têm sido desenvolvidos em nossas escolas. Na verdade, é uma maneira de eternizar, registrando em um livro como este, os finais de contos e demais textos autorais, os quais demonstram toda a potencialidade criativa de nossos estudantes e que evidenciam o compromisso de professores(as) e gestores(as) com a educação pública municipal paulistana.

Nesse sentido, queremos destacar os esforços conjuntos que resultaram na publicação deste livro, incluindo os(as) formadores(as) de Língua Portuguesa e de Alfabetização da Coordenadoria Pedagógica - COPED e de todas as 13 Diretorias Regionais de Educação - DRE, que, também com

muito trabalho, têm participação ativa na materialização desta Antologia.

Sabemos que a produção de textos escritos é um desafio para todo o período de escolarização. Quando se trata de escrita criativa, o desafio parece receber um peso maior. No entanto, convictos do compromisso e do trabalho conjuntos, vocês vão encontrar, nas próximas páginas, ficções produzidas por estudantes, as quais saltam aos olhos por suas atestadas qualidades criativa e artístico-literária.

Por isso, convidamos os(as) leitores(as) desta antologia a apreciar a beleza estética e a fruição, que só a literatura, como arte da palavra, pode nos proporcionar. Leiam, releiam, discutam, comentem e recomendem o livro que foi produzido a muitas mãos e é o registro de um trabalho árduo dos(as) estudantes e profissionais da educação que compõem a Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Boa leitura!

Bruno Caetano

Secretário Municipal de Educação



Sumário

A bruxa da rua Mufetar	15
A bruxa da rua Mufetar	17
A bruxa da rua Mufetar	19
Os três porquinhos.....	21
Chapeuzinho cor de abóbora.....	22
Chapeuzinho Azul	23
Chapeuzinho Azul	24
O jabuti e a fruta	25
A Onça e o Gambá	27
Chantecler e Pertelote.....	30
Joãozinho sem medo	31
O dragão e o galo	32
O dragão e o galo	33
Não confie em Pelicano	34
Chantecler e Pertelote.....	35
O dragão e o galo	37
Cinderela.....	38
O jabuti e a fruta	40



Alice no país das idades.....	44
A origem das hienas.....	48
O urubu, o macaco, e cachorro-do-mato	50
O belo adormecido	53
Os três aventureiros e o velho	58
A Folha do Prato Molhado.....	61
Debaixo da cama tinha.....	64
A chácara	67
Incêndio infernal.....	69
Vampiros de família	71
O espírito assombroso	73
Duas meninas, um professor e o ventilador	74
Uma vida inteira mal assombrada.....	76
As aventuras de Jack	80
Problemas adormecidos	83
A caminhonete	88
A poção mágica da Índia.....	90
O bravo guerreiro.....	92

Galochas vermelhas	96
Pezinhos Dourados e o Guardião.....	99
Os três lobinhos.....	104
O girassol de ouro	108
Tic tac.....	114
Insônia.....	115
Filme de Terror.....	116
Tristeza nacional	117
Convite à morte.....	118
Brumadinho.....	119
Bisavó	120
Meus sentimentos	121
Olhos abertos.....	122
Dura realidade.....	123
O roubo do banco e seus funcionários	124
Bullying	125
Estranha imagem	126
Aluga-se	127

3º ANO

FINAL DE CONTO

A bruxa da rua Mufetar

Trancou-a na gaiola no último andar da loja.

Enquanto isso, o irmão mais novo que se chamava Bacchir ficou preocupado, pois Nádia estava demorando muito. Pegou sua flauta mágica que ninguém sabia que ele tinha, muito menos onde escondia, e foi em busca de sua irmã.

Chegando à rua Nufetar, começou a tocar sua flauta e hipnotizou as 266 bruxas, porque uma delas ficou de guarida na loja que Nádia estava presa.

Bacchir, tocando sua flauta, fez as bruxas se jogarem de um penhasco ali perto. Ele contou as bruxas enquanto se jogavam e no final sentiu falta de uma. Decidiu ir de loja em loja para descobrir qual “vendedora” não foi hipnotizada.

Chegando à loja, já sabia que Nádia estava lá dentro e foi surpreendido pela bruxa com uma faca na mão.

TCHAAAAA! A bruxa deu uma facada sem dó, Bacchir caiu e a flauta rolou longe dele.

Bacchir saiu se arrastando, pegou a flauta e começou a cantar:

“Cha, cha, cha, que exploda a sua cabeça!”

Bacchir repetiu esta canção mais ou menos umas cinco vezes e, finalmente, a cabeça da bruxa explodiu.

Nádia gritou:

– Bacchir! Estou aqui em cima!



ilustração: Danilo Lucas Terra

Bacchir foi correndo e destrancou a Nádia e os dois foram embora para casa.

Chegando em casa, o Sr. Said estava na porta esperando de braços cruzados e perguntou:

– Aonde vocês.....

Mas antes do Sr. Said terminar, Bacchir tocou a flauta e apagou a memória de seu pai.



Autor: Danilo Lucas Terra
EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento
DRE São Miguel Paulista
Professora: Gláucia Borges de Paula Silva

A bruxa da rua Mufetar

Trancou a Nádia no baú.

De repente, Bacchir vê que Nádia não chegou e diz:

– Cadê a minha irmã que não chegou ainda? Vou ver se ela está na feira.

O que Bacchir não contava é que Nádia estava presa.

Bacchir chegou na feira e começou a cantar e tocar sua flauta.

– Nádia, cadê você? Se estiver me ouvindo, fala comigo, oié.

Uma das bruxas escutou a música e disse:

– Menino, dá para cantar mais baixo, senão vou contar para seu pai.

Mesmo com a bruxa dizendo para cantar mais baixo, ele continuou a cantar.

– Nádia, cadê você? Se estiver me ouvindo, fala comigo, oié.

Nádia escuta Bacchir e canta:

– Bacchir estou aqui,

Aqui, estou, venha me salvar!

Bacchir se distraiu com a música de Nádia e as bruxas pularam nele. Ele deu uma flautada nelas e todas desmaiaram.

Foi quando Bacchir viu passando um unicórnio e gritou:

– Unicórnio!!!! Pode levar esse baú para minha casa?

Mas, de repente, todas as bruxas levantaram e o unicórnio levou um susto e deixou o baú cair.

Com a queda, o baú quebrou e Nádia caiu. Nádia e Bacchir correram para casa e o unicórnio ficou pegando as ferraduras que estavam no baú. Todos ficaram felizes para sempre menos a bruxa.



Autor: Heitor Araújo Maia
EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento
DRE São Miguel Paulista
Professora: Gláucia Borges de Paula Silva

A bruxa da rua Mufetar

(...) Trancou-a no depósito.

Bacchir começa a desconfiar e, então, disse:

– Eu acho que a bruxa pegou a minha irmã, eu vou salvar a minha irmã.

Quando Bacchir ia chegando, as 267 vendedoras perguntaram:

– Bacchir onde você vai?

Bacchir fechou os olhos e disse:

– Sou um cego e vim cantar uma canção. E as 267 vendedoras disseram:

– Qual música?

– Nádia onde está vc.....?

– Ah, essa não!

– Mas eu só sei essa.

– Então canta bem baixo.

O Bacchir começou a cantar :

– Nádia Maia, onde está você? O papai Saidi tá preocupado.... tan-tan-tan tan-tan-tan (bis.)

E o Bacchir ouviu uma voz:

– Bacchir venha me salvar, porque tem uma bruxa muito má, venha logo, senão ela matará. Bacchir, ao ouvir, abriu os olhos e viu as 267 vendedoras e elas disseram:

– Cego falso! Cego falso!

Bacchir estava sem nada e as vendedoras estavam chegando para subir em cima dele. Ele pensou rápido e disse:

– Já sei tenho uma ideia...

Quando as bruxas chegaram, uma delas levou um chute e na mesma hora as outras 266 vendedoras caíram com um só chute, mas era um chute daqueles e acredite, ele tinha uma faixa preta de jiu jitsu. Bacchir, até que enfim, achou o depósito, a porta estava emperrada e trancada, mas por sorte ia passando um chaveiro e Bacchir pediu ao chaveiro para ajudá-lo.

O chaveiro com bom coração o ajudou e como era tão bom, nunca pediu nada em troca.

Um minuto depois, Nádia conseguiu sair e o senhor Saidi agradeceu ao chaveiro e ao seu filho.

A Bruxa, nunca mais se ouviu falar dela, virou até lenda de tantos e tantos anos que se passaram.



Autora: Marianne Abel dos Santos
EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento
DRE São Miguel Paulista
Professora: Gláucia Borges de Paula Silva

Os três porquinhos

Então, os três porquinhos saíram da casa da mãe.

O primeiro porquinho fez uma casa de algodão doce, o segundo porquinho fez uma casa de nuvem e o terceiro porquinho fez uma casa de lápis.

A vaca do mal foi na casa do primeiro porquinho, jogou leite no algodão doce e a casa virou um queijo de algodão doce. E o primeiro porquinho foi para a casa do seu irmão.

Depois, a vaca foi na casa do segundo porquinho e fez “Muuu” na casa de nuvem e a nuvem se desfez no ar. Os dois porquinhos então foram para a casa do terceiro irmão.

Aí, a vaca foi na terceira casa e comeu alguns lápis que formavam a casa e então um lápis afiado caiu em seu pé e ela saiu correndo.



Autor: Henry Antonio de Lima Oliveira
EMEF Professor Roberto Mange
DRE Butantã
Professora: Stefanie Veras Girckus

Chapeuzinho cor de abóbora

Depois de comer, a menina foi tirar uma sonequinha e o Lobo roncou tão alto que o caçador foi dar uma olhada. Quando o caçador viu o Lobo deitado na cama da vovó e com as roupas da vovó, apontou a arma, mas não fez nada com ele porque achou que a Chapeuzinho e a vovó ainda poderiam estar vivas.

E então decidiu cortar a barriga do Lobo e quando ia cortar com a tesoura o Lobo acordou e comeu o caçador, porém ele decidiu comer a torta que a Chapeuzinho trouxe para a vovó, pois achou o caçador muito “salgado”.

Mas ele se esqueceu de comer a cereja e achando que havia mais espaço resolveu comê-la, mas sua barriga estava tão, mas tão, mas tão grande, que explodiu!

E então ele aprendeu a lição de nunca comer a cereja da torta!



Autor: João Pedro Ramalho da Silva Araujo
EMEF Professor Roberto Mange
DRE Butantã
Professora: Stefanie Veras Girckus

Chapeuzinho Azul

O caçador apontou a arma para as duas e disse:

– Vocês estão presas!

– Por que, senhor caçador? – disseram Chapeuzinho e sua vó.

– Porque vocês comeram uma espécie muito rara de Lobo!

O caçador pegou as duas, colocou algemas e levou para a delegacia e a mãe de Chapeuzinho tinha que pagar o olho da cara para liberar sua filha e sua mãe.

E assim que o Lobo morreu a vovó aprendeu uma lição “Não matar os animais”. A Chapeuzinho aprendeu uma lição “Não comer o Lobo até quando não estiverem mais em extinção”.



Autor: Amanda Yasmin Rodrigues Luz
EMEF Professor Roberto Mange
DRE Butantã
Professora: Stefanie Veras Girckus

Chapeuzinho Azul

– Vocês estão presas! – disse o caçador
– Nós? Por que, senhor caçador? – disseram
Chapeuzinho e sua vó.

O caçador respondeu:

– Porque essa espécie está desaparecida! Porque vocês estão comendo os coitados!

Então o caçador pegou duas algemas, prendeu as duas e as levou até a delegacia.

No dia seguinte a mãe de Chapeuzinho Azul foi até a delegacia pagou uma fiança e depois todos ficaram felizes para sempre porque a vovó saiu da cadeia.

O caçador defendeu uma espécie e a Chapeuzinho aprendeu uma lição “Não matar os animais”.



Autor: Gustavo Jun Katayama
EMEF Professor Roberto Mange
DRE Butantã
Professora: Stefanie Veras Girckus

O jabuti e a fruta

Quando o jabuti estava indo na casa da mulher para saber o nome da fruta, ele encontrou uma onça, eles ficaram conversando e a onça falou:

– Onde você está indo, jabuti?

– Estou indo na casa da mulher que sabe o nome da fruta. Respondeu o jabuti.

Então os dois foram na casa da mulher. Eles já estavam muito cansados de caminhar, pararam para descansar embaixo de uma árvore. Até que surgiu um macaco, como ele já sabia da farsa da mulher, ele falou para o jabuti:

– Não acreditem no segundo nome que a mulher irá falar para vocês.

– Tudo bem! Responderam os dois.

Eles foram andando, até que finalmente chegaram. O jabuti falou para a mulher:

– Pode me falar o nome da fruta?

– Sim eu posso, mas vocês terão que passar por um desafio. Falou a mulher. O jabuti e a onça aceitaram.

A mulher explicou:

– O desafio vai ser assim: se vocês chegarem do outro lado do rio primeiro eu falo o nome correto da fruta.

Eles foram para a margem do rio e chamaram o juiz, que foi o tatu. Quando o juiz apitou, eles começaram. A onça disparou na frente, a mulher em segundo e o jabuti, que era muito lento, ficou em último.



Autor: João Gambys Neto
EMEF Professor Paulo Gonçalo dos Santos
DRE Santo Amaro
Professora: Edilene Rodrigues da Silva

A Onça e o Gambá

A onça perguntou com raiva:

– O que veio fazer aqui, gambá?

O pobre gambá respondeu com muito medo da onça:

– O ma-ca-ca-co di-disse pa-para eu te soltar.

A onça ficou impressionada com aquilo que o gambá disse e falou para ele soltá-la.

O gambá ficou muito agradecido e soltou a onça.

A onça, muito feliz com o gambá, deu o melhor perfume do mundo dos animais para ele.

Ele ficou muito alegre com o modo que a onça tratou ele. Então, ele também quis dar um presente para ela. E perguntou para o macaco:

– Macaco, você sabe qual é a comida preferida da onça? O macaco respondeu?

– É bife cru.

O gambá pegou, então, um bife cru e deu para onça. A onça, muito feliz, pediu para o gambá para serem melhores amigos e ele aceitou.

Os dois viraram melhores amigos.



Autora: Maria Fernanda Silva Santos
EMEF Coronel Helio Franco Chaves
DRE Jacanã/Tremembé
Professora: Silvana Adão das Dores

Chantecler e Pertelote

A esperta raposa lhe disse:

– Olá, querido amigo, que bom lhe ver! Sabe, ando com fome! Você não tem um petisco aí não?

O galo Chantecler respondeu rapidamente:

– Não! Eu não tenho comida para lhe dar e você já pode ir embora!

A raposa foi embora enfurecida.

No dia seguinte todas as galinhas sumiram. Até Pertelote sumiu! Chantecler então resolveu procurar todas elas. Depois de uma semana procurando conseguiu encontrar as galinhas que tinham se escondido com medo da raposa. Porém, apareceu novamente a terrível e cruel danada dizendo:

– Ora se não é o galinho! Quanto tempo? Por que não vai pegar água para nós?

O galo foi pegar a água, a raposa pulou em cima dele, mas, como já conhecia as maldades dela, ele mergulhou rapidamente. A raposa dá de cara na água e foi embora com vergonha de ser vencida por um galinho.

E depois de o galo salvar todas as galinhas, Pertelote resolveu se separar dele porque ela queria que ele matasse a raposa. Mas, Chantecler é corajoso! Deixou Pertelote e seguiu sua vida.



Autora: Danielle Morena Rodrigues Lima
EMEF Professor José Francisco Cavalcante
DRE Campo Limpo
Professora: Eva Pereira Oliveira Lucena

Joãozinho sem medo

Quando Joãozinho chegou à portinha, começou a falar:

– Quem vai primeiro?

O homem respondeu: – Eu que não!

E Joãozinho foi primeiro. E dentro dessa porta tinha uma passagem secreta e os dois disseram:

– Que maravilha!!!

Joãozinho dizia que não tinha medo de nada, mas naquela coisa maravilhosa eles começaram a ouvir uns barulhos horripilantes e começaram a ficar com medo. Joãozinho começou a pensar. Ele estava com medo, mas de frente era corajoso e eles foram andando. Depois eles encontraram uma menina que ela se chamava Cristal e Joãozinho se apaixonou por ela. Cristal e Joãozinho se apaixonaram e ela viajou com eles para todos os lugares.



Autora: Brenda Maria da Silva
EMEF Pracinhas da FEB
DRE Campo Limpo
Professora: Gilvanice Aparecida Silva

O dragão e o galo

– Não posso, dragão, até porque os meus chifres são colados na minha cabeça. Mas se não fosse isso te emprestaria sim.

O dragão chateado falou:

– Então tá bom, mas bem que eu queria um para esconder minha careca.

Foi aí, que o galo pensou, vou fazer um chifre de borracha para ele; porque me sinto mal por ele querer um chifre e não ter. Então o galo foi fazer, se inspirando no seu próprio chifre, depois de pronto, foi entregá-lo.

Quando eles se viram, o galo falou:

– Oi, dragão!

– Olá, galo, como vai?

– Vou bem, mas vamos direto ao ponto.

– Pode falar, amigo!

– Então eu tenho um presente para você!

– O que é? – disse o dragão:

– É um chifre porque eu vi que você ficou chateado quando eu falei que não podia emprestar os meus então resolvi fazer um pra você.

– Muito obrigada você é um amigo gentil, vou estreá-los hoje na festa de ano-novo. E foi isso que ele fez. Foi uma noite muito feliz para todos.



Autora: Ingrid Iasmin Oliveira Mesquita
EMEF Coronel Helio Franco Chaves
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Dulcimara Aparecida Almeida Santos

O dragão e o galo

– Claro que não, os chifres são meus!

O dragão ficou furioso e disse:

Ah é, então se você não me emprestar eu vou eu vou...!

O galo ficou com muito medo do dragão comê-lo e gritou:

– Aaaaah, eu não tava sendo grosso com você.

– Você não tava sendo grosso?

– Claro que não, disse o galo:

– Então como que eu vou à festa sem nada na cabeça? Falou o dragão.

O galo teve uma incrível ideia!

– Eu tenho um chapéu velho aqui no meu galinheiro!

– Eu posso usá-lo, perguntou o dragão.

– Claro!

– Então o dragão foi a festa com o chapéu , e ele e o galo se divertiram muito.



Autora: Maria Eduarda Martins de Almeida
EMEF Coronel Hélio Franco Chaves
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Dulcimara Aparecida Almeida Santos

Não confie em Pelicano

Quando a ave ia comer o caranguejo, o bicho pulou da boca do pelicano e disse: “Aáá então você mentiu? Você engoliu a maioria dos peixes! Mas agora eu vou falar para todo mundo que o lago não vai secar e também vou falar que você mentiu para todos.

Então a ave disse: “Eu fiz isso porque estava difícil para eu me alimentar.

– Não precisava fazer isso! Você mentiu para todos. Agora vou contar a verdade – respondeu o caranguejo.

Chegando no lago, o caranguejo disse: “Pessoal, eu tenho uma notícia para vocês. O lago não vai secar, o pelicano mentiu! Agora, vocês querem que ele fique aqui ou vocês querem que ele vá embora?

E todo mundo votou que ele fosse embora.



Autor: Otavio Araujo Lima
EMEF Coronel Helio Franco Chaves
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Luciana Mekitarian

Chantecler e Pertelote

A raposa fala com Chantecler:

– Rei do galinheiro, quero todas as galinhas em dois dias se não pegarei sua mulher.

– Mas claro que a raposa estava planejando pegar Chantecler.

No dia seguinte, Chantecler falou tudo para sua esposa. Ela ficou assustada e agora tinha certeza que o sonho do marido era real.

O galo assustado foi até o galinheiro falar para as galinhas e quando ele falou tudo o que aconteceu para elas e foi interrompido por uma galinha que chamava Mallus. A galinha disse:

– O querido Rei, você não (pó) pode nos entregar (pó). O que (pó) o senhor (pó) fará com (pó) nós? – disse Mallus.

O rei ficou pensando de manhã e à tarde, depois foi falar com sua mulher sobre a conversa. A sábia galinha disse:

– Você não pode me entregar e nem as outras galinhas... Já sei! – Falara Lady Pertelote.

Passaram dois dias e a raposa apareceu no galinheiro e falou:

– Já passaram-se dois dias e quero minhas galinhas.

– Tome – Disse Chantecler.

A raposa abriu o saco e viu que não tinha nada.

– Cadê minhas galinhas? – Disse a raposa furiosa.

– Não sei! – Disse o animal.

Saíram vários animais, colocou a raposa dentro do saco, amarrou e nunca mais a raposa saiu de lá.



Autora: Yasmin Nogueira dos Santos

EMEF Professor José Francisco Cavalcante

DRE Campo Limpo

Professora: Eva Pereira Oliveira de Lucena

O dragão e o galo

– Você quer os meus chifres?...

– Sim, disse o dragão.

– Bem, já que você quer, eu te darei, mas com uma condição...

O dragão ficou com medo que fosse alguma coisa difícil.

Então, muito curioso, perguntou ao galo:

– O que você quer?

O galo respondeu:

– Quero seu corpo!

O dragão ficou surpreso e falou:

– Sério? Você quer uma coisa que eu nunca gostei?

– Claro! Respondeu o galo.

O dragão concordou e fizeram a troca.

Na festa, o dragão percebeu que ninguém estava notando seus chifres, que era o que ele queria que acontecesse.

Logo depois que a festa acabou, o dragão foi falar com o galo.

– Você pode devolver meu corpo?

– Você fez um trato! Respondeu o galo.

Os dias se passaram e o dragão aprendeu que temos que ser felizes com o que nós somos.



Autor: Renato Guimarães

EMEF Coronel Helio Franco Chaves

DRE Jacanã/Tremembé

Professora: Dulcimara Aparecida de Almeida Santos

Cinderela

A Cinderela estava triste porque sua madraستا rasgou seu lindo vestido e a proibiu de ir ao baile. Triste, a Cinderela chorou e caiu uma lágrima no seu amigo ratinho, que virou uma fada.

A Fada Madrinha piscou e a Cinderela ganhou um novo vestido e um par sapatinhos dourados. O cocheiro levou Cinderela pelo caminho errado, então, Cinderela foi a pé e acabou perdendo um dos seus sapatinhos pelo caminho. Quando estava se aproximando do castelo, encontrou o príncipe no jardim, ele estava triste observando os patinhos nadar no lago.

A Cinderela achou estranho alguém estar triste num dia de festa. E perguntou:

– Por que está triste, posso fazer alguma coisa por você?

O príncipe respondeu:

– Meu pai deseja que eu me case obrigado e não por amor.

Cinderela sentou-se ao lado do príncipe e conversaram tanto, que se apaixonaram. Ela até esqueceu que perdeu um sapatinho.

Ao entrarem no castelo, se beijaram e ouviram o gongo do relógio, era meia-noite. Nesse momento, a magia se desfez ao olhar de todos e principalmente da madraستا, que ficou com raiva. O príncipe, ao vê-la do jeito que ela era, não desistiu e resolveu fugir com a Cinderela. Apareceu a Fada Madrinha e todos entraram na carruagem.

A madrasta, vendo os dois fugirem, também entrou numa carruagem para impedir a fuga de Cinderela. De repente, a carruagem passou em cima do sapatinho perdido e houve um acidente e a madrasta perdeu de vista a Cinderela.

Com ajuda da Fada Madrinha, chegaram a um reino não muito distante.

– Este reino era de sua mãe, antes de se casar com seu pai ela morava aqui. Eu cuidei para você - disse a Fada Madrinha.

– Obrigada, Fada Madrinha!

E reinaram felizes por longos anos, rei, rainha e seus dois filhos.



Autor: Richard Trindade Porcino
EMEF Desembargador Theodomiro Dias
DRE Butantã
Professora: Mirian Rodrigues Rosa

O jabuti e a fruta

(...) Até que chegou a vez do jabuti, ele já sabia o que aquela mulher tinha feito com os outros, então o jabuti ficou horas e horas pensando, até que bolou uma ideia e chamou o seu melhor amigo o tucano, Tuco, e os dois foram na casa da mulher. O tucano Tuco entrou, mas o Jabuti ficou do lado de fora da casa escondido, o tucano Tuco entrou na casa e perguntou qual era o nome da fruta:

– Moça, por favor, me diga o nome da fruta.

A moça disse:

– Está bem, preste atenção, só vou falar uma vez, Saqui, Quiaro, Tiara.

E depois o tucano Tuco foi embora.

Quando tentou ir atrás do tatu para tentar confundi-lo, o Jabuti entrou na casa da mulher. E ela disse:

– Veio para saber o nome da fruta?

O jabuti respondeu:

– Não! Apenas estava me sentindo sozinho, os meus amigos estão fazendo outras coisas. Vim conversar, falar da vida e tudo mais.

O jabuti conversou tanto com a mulher que ela acabou se esquecendo de ir atrás do tucano.

Enquanto isso, o tucano Tuco não se distraiu com nada e quando chegou à árvore, falou o nome da fruta:

– Saqui, Quiaro, Tiara.

Depois que ele falou o nome da fruta e a fruta caiu, ele chamou o Jabuti, depois que o Tucano Tuco chamou o Jabuti, eles repetiram o nome da fruta várias vezes e várias vezes, e todos conseguiram comer aquela fruta deliciosa.



Autora: Yasmin Oliveira Almeida
EMEF Professor Paulo Gonçalo Santos
DRE Santo Amaro
Professora: Edilene Rodrigues da Silva

5º ANO

CONTO POPULAR

Alice no país das idades

Em um dia ensolarado, a mãe disse para Alice:

– Alice, vai dormir!

Alice respondeu:

– Mas, mãe, não quero dormir cedo, é 19h30!

– Mas, Alice, você tem escola!

– A escola começa só 9h30, mãe!

Alice, com raiva, foi dormir.

– Aff, tenho que dormir cedo só porque tenho 8 anos.

Alice olhou para o lado e viu algo brilhando que tinha uma coisa escrita: “se quiser, fale em frente ao espelho quantos anos quer ter, fale seu nome e entre”.

Alice foi e falou:

– Meu nome é Alice, quero ter 15 anos.

E entrou no espelho.

– Onde estou? – perguntou ela.

Ela então olhou no espelho e disse:

– Funcionou, sou adolescente.

No outro dia...

– Filha, vai arrumar a casa. – disse a mãe.

– Mas eu tenho 8 anos!

– Ahh, que mentira para não arrumar a casa, né?

Você tem 15 anos e vai arrumar a casa sozinha.

Alice pensou:

– Quando eu tinha 8 anos, eu não precisava arrumar a casa.

Depois de 12 horas...

– Não acredito que eu tive que arrumar a casa sozinha!

– Espelho, queria ter 20 anos.

E ela entrou no espelho.

– Ahhh, funcionou! Mas onde estou? Na porta da igreja, vestida de noiva!

– Não acredito, vou me casar, mas quem é o meu noivo?

A música tinha começado a tocar... tan tan tan tannnn....

Alice entrou na igreja e disse:

– Meu noivo é feio demais, eu tenho um péssimo gosto. Vou fazer uma “trolagem”, é errado, mas vou fazer mesmo assim.

O padre falou:

– Alice, aceita se casar com Raimundo?

Alice disse que não e saiu correndo do altar. Pegou um táxi e foi para casa de seus pais. Abriu a porta, foi para seu quarto, encontrou o espelho e falou:

– Quero ter 40 anos. E entrou no espelho.

– Ahhhh, funcionou!

Tempos depois...

– Que cartas são essas? Oh não, são boletos e contas!

Um homem entra e fala:

– Oi, amor!

– Oh não, eu tenho marido. - pensou ela.

– Manhêêê! – escutou Alice.

– Nossa! Eu tenho filho? – disse ela.

E o filho respondeu:

– Você tem 10 filhos.

– O quê? Não acredito, não dá para ter 10 filhos.

Eu tive uma ideia: vou ficar aqui por dois dias, se eu ficar feliz por ter 10 filhos, eu fico. Se eu não ficar feliz, vou embora. Vou dormir, pois estou muito cansada.

No dia seguinte...

– Cadê meu marido? – pensou ela.

– Tem uma lista ao lado do abajur escrita todas as tarefas que terei que fazer durante o dia. – resmungou.

– O quê? Vou pedir o divórcio agora! Vou nada... vou fugir para casa dos meus pais.

– Toc, toc! – Alice bateu na porta.

– Quem é? – perguntou os pais.

– Sou eu, sua filha!

– Filha, eu achei que estava com seu marido! – disse a mãe.

– Isso não importa, preciso do meu quarto!

Ao subir...

– Cadê meu espelho? Ufa...está bem ali!

– Meu nome é Alice e eu quero ter 90 anos! E entrou no espelho.

– Funcionou! Sim, funcionou!

– Nossa, que dor nas costas! Estou com muita dor nas costas!

– Olha, espelho, assim não dá, tchau!

De repente, Alice é acordada...

– Alice, acorda!

– Onde estou? – falou ela.

– Como assim, onde você está? Está em casa. Vem logo tomar seu café da manhã.

– E então, contei meu sonho para minha família e para a escola inteira e me falaram para eu escrever um livro chamado Alice no país das idades.

Autora: Fernanda Cipola
EMEF Prof. João de Lima Paiva
DRE Guaianases
Professora: Aline Akemi Nagata Prado

A origem das hienas

Em uma tribo africana, existia uma mulher chamada Hiena, ela era muito malvada e toda vez que aprontava, dava uma risada.

Um dia, a deusa Temê resolveu castigar Hiena pelas suas maldades, mas antes decidiu dar uma chance para ela, e disse:

– Hiena.

– Quem está aí? – respondeu Hiena, confusa.

– Sou eu, a deusa Temê, o deus da Justiça, vim te dar uma chance para deixar de ser malvada, se não te transformarei em um animal – disse deusa Temê, com a voz grossa.

– Não, por favor, deixarei de ser má – falou a Hiena, apavorada.

Ela acreditou na Hiena e se foi. A Hiena passou a ser boa, mas isso não durou muito tempo. Dias depois, a Hiena furou o barco dos pescadores de sua

tribo e quando foram pescar o barco afundou. Ninguém se afogou, mas perderam todos os peixes e, como sempre, a Hiena deu uma risada.

A deusa Temê ficou enfurecida por ela não ter cumprido o combinado e disse:

– Você não cumpriu nosso combinado, então te transformarei em um animal.

E assim foi feito, o deus Tupã jogou um raio e transformou a Hiena em um animal chamado Hiena e quase toda hora ela dá uma risada.

Autor: Isabelly Rodrigues dos Santos
EMEF Jardim da Conquista
DRE Pirituba/Jaraguá
Professora: Gabriela Justine Augusto Silva

O urubu, o macaco, e cachorro-do-mato

Era uma vez uma floresta muito bonita com animais, frutas e moradores. Nessa floresta, vivia um urubu, um macaco e o cachorro-do-mato. Mas tinha uma coisa, o urubu não gostava do cachorro-do-mato e o cachorro-do-mato não gostava do urubu, porque um gostava de fazer brincadeira de mau gosto com o outro.

Um dia, o cachorro-do-mato, só para zombar com o urubu, o chamou para comer na casa dele:

– Urubu, quer bater um ranguinho lá em casa?

O urubu ficou meio desconfiado, mas estava faminto, então aceitou o pedido do cachorro. Chegando lá, ele observou a casa do cachorro, ela era de madeira e tijolos velhos. Ele entrou e se deparou com a comida. Ele ficou bravo, pois a comida era carne podre com molho de maionese estragada. Ficou decepcionado, aquele cheiro era horrível e desagradável. Ficou só observando o cachorro comendo e falou:

– Estou sem apetite! - com sorriso sarcástico

No dia seguinte, o urubu, para se vingar, chamou o cachorro para comer na casa dele, e perguntou:

– Ô, cachorro, quer bater um ranguinho lá em casa?

O cachorro desconfiou, mas como estava faminto, aceitou o convite do urubu.

Chegando lá, ficou meio confuso, por que não viu nenhuma casa, e ele perguntou:

– Urubu, onde está sua casa?

E o urubu respondeu:

– Bem... Eu moro em uma árvore, mas ela é bem baixa, você irá conseguir subir.

Chegando lá, o cachorro-do-mato entrou e sentiu um cheiro delicioso e muito agravável. Ele foi se aproximando da mesa e viu que era sopa, mas quando colocou na boca, quase que o cachorro gritou de tanta dor e ardência, ele ficou bravo, mas não comentou nada. Ficou ali, observando o urubu tomando aquela sopa cheirosa.

Um dia, o urubu viu o cachorro-do-mato subindo na árvore, foi em sua direção e perguntou:

– Cachorro, quer dar uma volta comigo, voando? Vai ser divertido!

O cachorro desconfiou um pouco, mas como não era todo dia que ele recebia esse tipo de convite, aceitou, mas não sabia o que lhe aguardava.

O cachorro subiu em cima do urubu e lá se foram eles.

Mas... Nem tudo é um mar de flores, né? O urubu começou a ir rápido e sem avisar o cachorro, começou a dar rodopios e virou. O cachorro começou a tremer e a suar frio. E ele, do jeito medroso, deixou a mão escorregar. E com muito azar, caiu em um arbusto cheio de espinhos, mas ficou bem.

No mesmo dia, o cachorro-do-mato planejou fazer um plano. E chamou o macaco para ajudar. E claro, ele explicou o plano para o macaco:

– Então, será assim... Eu rei para o fundo da floresta, irei fingir que estarei morto.

E o macaco falou:

– Mas cachorro, o urubu sempre que vai comer alguém, começa pelo olho.

O urubu esperto falou:

- Quando ele for comer o olho, fala para ele comer a língua primeiro que é mais saborosa.

O cachorro se posicionou e o macaco foi avisar ao urubu:

– Urubu, o cachorro morreu!

E o urubu perguntou:

– Como?

O macaco respondeu:

– Morreu de morte morrida.

O urubu gostou da notícia e começou a procurar o cachorro. E lá viu o cachorro deitado de barriga pra cima. E foi se aproximando, quando estava prestes a comer o olho do cachorro, INHAC! O cachorro pegou o urubu pelo pescoço, comeu e mastigou, mas a pena do urubu fez o cachorro espirar, e o urubu ficou sem pena na cabeça.

E é por isso que o urubu não tem pena na cabeça, e sempre que vê cachorro-do-mato e macaco ele foge.

Autora: Maria Luiza Franco Jerônimo

EMEF Pracinhas da FEB

DRE Campo Limpo

Professora: Cilene Aparecida Trindade Ferreira

O belo adormecido

Era uma vez um rei e uma rainha que tinham um filho de uma semana.

Viviam muito felizes por isso. A rainha fazia um tratamento atrás do outro para não engravidar, pois ela dizia que dava muito trabalho.

Finalmente, o rei e a rainha receberam a notícia de que o tratamento da rainha para não ter mais filhos deu certo. Com quatro semanas, chegou o dia do batismo de Erick e as quatro fadas do reino foram chamadas para serem madrinhas do príncipe. Cada fada concederia um dom para ele!

Depois de batizado, o rei, a rainha, o príncipe e as fadas voltaram ao palácio. Houve uma enorme comemoração com um banquete muito bom! Como convidadas especiais, as fadas receberam lugares de destaque à mesa. Diante de cada fada, foi colocado um baú para cada uma delas com uma recompensa de ouros, diamantes e rubis!

Ao terminar o banquete, as fadas ofereceriam os dons para o bebê. A primeira fada desejou:

- Terá o coração de um anjo!
- Saberá ser gracioso em tudo o que fizer!
- Aprenderá com facilidade e gostará de ler!

Mas a quarta fada, mal-humorada, desejou que assim que o príncipe completasse 15 anos de idade, espetaria o dedo, cairia adormecido, mas no dia que recebesse um beijo sincero, acordaria. O rei e a rainha ficaram pálidos.

Anos se passaram e o príncipe cresceu lindo, simpático e muito gentil. Perto dele, todo mundo se sentia mais feliz.

Com o príncipe completando quase quinze anos, o rei e a rainha fizeram uma pequena viagem para encomendar uma coroa de ouro e diamante para ele como presente de aniversário. Enquanto isso, o príncipe recebeu um comando das fadas: levar o vestido da rainha para costurar, porque as duas estavam ocupadas arrumando as terras do reino. Para isso, ele teria que ir para a costureira que ficava em uma torre dentro do castelo. Ele subiu, subiu, até que chegou lá. Havia uma senhora de muitos e muitos anos que era cuidada por sua neta. O príncipe se interessou para aprender a costurar e falou:

– Olá, senhora, posso tentar costurar esse tecido?

– Olá, príncipe! As fadas avisaram sobre você.

Bom, pode costurar, mas tome cuidado, por favor, está bem?!

O príncipe pegou na agulha, espetou o dedo e saiu adormecido. A senhora gritou por socorro, as fadas vieram e jogaram água no rosto do príncipe, fizeram tudo que sabiam, mas não adiantou.

O rei e a rainha estavam chegando e ao ouvir os gritos de socorro correram para dentro do palácio. Ao ver o filho adormecido, a rainha falou:

– O feitiço! Ele só acordará quando receber um beijo de um verdadeiro amor!

Eles deitaram o príncipe na cama e colocaram seu traje real. Ele respirava com tranquilidade.

– Está vivo, está vivo! – disse o rei.

A fada má falou:

– Esqueci-me de falar, mas caso ele não receba um beijo de um verdadeiro amor, ele não acordará nunca.

Anos se passaram e o rei e a rainha faleceram. O palácio foi comandado por outras famílias reais. E a história do príncipe foi esquecida completamente.

Cento e vinte anos se passaram e outra família estava morando no castelo. Nesta família, havia uma princesa chamada Eloá. Ela subiu na torre e havia lá um livro escrito pelo rei, antes de morrer. No livro estava toda a história do que tinha acontecido. Ela se chocou e falou:

– Nossa, preciso falar com meu pai sobre isso!

Mas uma voz surgiu e disse:

– Não conte agora! A primeira pessoa que leu este livro foi você. Então, guarde segredo!

Semanas se passaram, ela se apaixonou pelo príncipe e se emocionou com sua história. Novamente a voz surgiu e disse para ela ir a um quarto atrás da biblioteca quando todo mundo estivesse dormindo. Ela foi e viu o príncipe deitado, em seus olhos dava

pra ver que ela estava apaixonada. Ela deu um beijo de dez segundos nele, que acordou. Ela explicou toda a história para ele.

Ele se apaixonou pela menina que o salvou. Eles cresceram e tiveram filhos e se tornaram a família real quando os pais da princesa morreram. Todos viveram felizes para sempre!

Autora: Mikaelly Suellem Nascimento Franco
EMEF Professor João de Lima Paiva
DRE Guaianases
Professora: Aline Akemi Nagata Prado

6º ANO

CONTOS DE
ASSOMBRAÇÃO
MISTÉRIO

Os três aventureiros e o velho

Em uma noite, perto de uma floresta que ficava junto a um castelo mal assombrado, estavam os maiores aventureiros da cidade de Metrobargy. Eles formavam um grupo que sempre participava das aventuras mais perigosas que se possa imaginar. E esta, que vou lhe contar, tinha certeza que iria acabar mal...

O grupo era formado por uma menina e dois meninos. A menina chamava-se Eny; o menino mais alto, Jack e o outro, Silvestre.

Então, Eny falou:

– Iremos dormir esta noite aqui na floresta e quando amanhecer, vamos explorar o tal castelo mal assombrado.

Jack a interrompeu dizendo:

– Não iremos “bolar” nenhum plano?

– Tenho certeza que não precisaremos. Já enfrentamos cada uma! Só iremos levar as nossas coisas, principalmente, nossas armas! – exclamou Eny.

Silvestre ficou em silêncio, logo arrumou sua barraca e foi dormir.

Amanheceu e logo todos estavam prontos. Chegaram ao castelo e na entrada viram uma placa pendurada na porta que dizia: “O dono faleceu. Seu corpo foi encontrado aqui mesmo. Tomem cuidado ao entrar, dizem que sua alma ronda este castelo, porque ele sente muito ciúmes de sua morada. Era um velho ranzinza.”

Mesmo com o aviso, os três se olharam e entraram. Começaram a explorar o castelo. Silvestre perguntou:

– Não iremos nos separar, Eny?

Ela respondeu rapidamente:

– Melhor não! Não conhecemos este lugar.

Foram andando e de repente ouviram alguns ruídos e, logo em seguida, gritos! Começaram a ficar assustados e acharam melhor ir embora.

No caminho, Jack viu um diamante e resolveu pegá-lo, sem que ninguém percebesse...

Quando chegaram do lado de fora do castelo, Silvestre, ao fechar a porta, notou que a placa já não estava mais lá; chamou Jack e Eny, dizendo:

– Ei, pessoal! Olhem só, a placa sumiu!

Silvestre se afastou e Jack foi ver, mas aconteceu uma coisa terrível: Jack foi puxado para baixo do chão e o diamante voou de sua mão. Uma mão misteriosa pegou o diamante no ar. Imediatamente, Jack emergiu do chão com a cabeça decepada e sangrando muito, inundando todo o chão.

Eny e Silvestre saíram correndo, desesperados. Eny subiu em cima de uma árvore, a mais alta da floresta, que tinha nove metros de altura, mas “alguém” a empurrou lá de cima: claro que ela morreu e o chão ficou todo ensanguentado. Silvestre, que saiu correndo, escalou uma íngreme montanha, mas ele escorre-

gou e rolou montanha a baixo, batendo a cabeça nas rochas do caminho e morreu.

Então, já sabem, né?

Jack assusta os turistas que vão ao castelo. Eny assusta quem vai à floresta durante a noite. E Silvestre assusta quem vai escalar as montanhas... Mas e o velho, você deve estar se perguntando...

Ele... bem, ele assusta quem lê ou ouve esta história...

Autora: Ana Luiza da Silva
EMEF Alexandre Gusmão
DRE Guaianases
Professora: Célia Emy Shima Kawakami

A Folha do Prato Molhado

Em uma noite calma e tranquila no interior da Paraíba, dormia numa casa simples, mas muito bem cuidada, Maria Samanta e seus nove filhos.

Todos eram bem baixinhos, o mais novo possuía uma pinta na ponta do nariz, o segundo deixava o cabelo crescer, o terceiro era carequinha e tinha um problema na audição, a quarta era a única menina da família que adorava cantar e gostava muito dos seus longos cabelos ondulados, o quinto e o sexto eram gêmeos e adoravam aprontar, o sétimo era alto e com seus dezoito anos ajudava muito sua mãe a cuidar de seus irmãos e por fim, o oitavo e o nono, um par de gêmeos adotados e nada idênticos.

Já era dia quando Samanta arrumava seus filhos, um por um, para levá-los à escola. Caminhou com as pernas doloridas e cheias de barro vermelho na estrada de solo quente.

Chegando lá, os aconselhou a estudar bastante e avisou que mais tarde iria buscá-los. Decidiu ir para um ponto de ônibus que ficava debaixo de um túnel porque estava cansada e não aguentava mais andar.

Sentiu algo estranho, entrou no ônibus, olhou para os cantos com o olhar cansado, mas atento. Havia no fundo do ônibus uma garota que estava suja, maltratada e que estava pedindo dinheiro. Samanta sentiu pena, porém não tinha nem para ela, imagina para compartilhar.

Quando estava chegando perto de sua casa, resolveu descer próximo a um vilarejo, pois adorava an-

dar por lá e observar o rio. Ao redor havia folhas secas e grandes árvores que deixavam enormes sombras à beira do rio. Aproveitou para limpar suas pernas, agachou – se devagar e de repente sentiu um odor desagradável, ao olhar para o lado viu a mesma moça que estava no fundo do ônibus. Começou a pedir dinheiro novamente deixando Samanta atordoada.

– Moça, tem como a senhorita me ajudar?

Samanta tentou ignorar, mas a garota insistiu:

– Moça, moça...

– Olá, desculpa, estava distraída – disse Samanta – infelizmente não poderei ajudá-la porque o caminho é longo e não posso me atrasar para pegar meus filhos.

Samanta saiu correndo desesperada, quase que suas pernas não aguentaram. Depois de correr horrores, pegou um ônibus e conseguiu chegar a tempo de buscar seus filhos na escola. Quando, finalmente, estava em casa tranquila, ouviu alguém bater na porta.

Tok, tok...

– Olá, é aqui que mora uma mulher chamada Samanta?

Samanta saiu para atender:

– Sim, sou eu mesma, o que você quer?

– Eu leio o futuro numa folha de papel.

Entre e me espere lá no meu quarto – disse Samanta, preocupada.

Ela pegou um prato e foi curiosa ler seu futuro, quando seu filho mais novo agarrou suas pernas e disse:

– Mãe não vá, estou com medo dessa moça.
– Me solte! Já vou sair do quarto, é rápido, saiba esperar!

Entrou no quarto e lá estava a moça.

– Pronto?

– Sim – respondeu Samanta.

A vidente deixou seus trajés pesados no canto da parede, pegou um jarro que possuía água e despejou no prato lentamente...

– Agora pegue uma folha branca!

– Aqui está.

– Coloque a folha em cima do prato, jogue água, acenda uma vela e assopre quando eu mandar parar.

– Uma imagem aleijada? Gritou Samanta

– Tenho que ir, já é hora...

A quarta filha abriu a porta para a “vidente” que saiu correndo em direção à floresta.

Samanta finalmente se deu conta de que era a mesma moça do rio, mas nunca mais a viu.

Depois de alguns anos, infelizmente ela ficou igualzinha à imagem da folha do papel molhado, porém mais uma figura apareceu na folha, é um segredo que não contarei para ninguém..!

Autora: Erika Gomes de Oliveira
EMEF Prof.^a Célia Regina Lekevícus Cansolin
DRE Jacanã/Tremembé
Professora: Catiane Soares da Paixão

Debaixo da cama tinha...

Marcela havia acabado de comprar um apartamento em um bairro nobre na cidade de São Paulo. Era realmente encantador! Marcela tinha ouvido rumores de que aquele apartamento fora o local de inúmeros assassinatos. Mas, ela nunca acreditou naquelas histórias, achava que eram inventadas para dar medo nas pessoas que morassem ali. A garota gostou do apartamento, pois havia visto algumas imagens que lhe chamaram a atenção, tinha achado ele muito bonito.

Depois de um tempo morando no lugar, Marcela começou a achar que estava sendo observada, então, para se sentir mais segura e menos sozinha, decidiu adotar um cachorro. Deu o nome dele de Max. Ela o tinha encontrado em uma feira de adoção perto de sua casa. Foi amor à primeira vista.

Depois de alguns dias, Max começou a latir para debaixo da cama, como se houvesse algo lá. Toda vez que a dona do cachorro ia verificar por que ele latia, não encontrava nada. Brincava um pouco com ele para que se distraísse.

Certa madrugada, Marcela acordou com os latidos de Max. Ele latia para debaixo da cama, parecia que, realmente, existia algo lá:

– Não tem nada aí, Max! Vá para sua cama! – implorava a cansada dona.

O cachorro se acalmava... ambos voltavam para suas camas.

Duas horas depois, Marcela acordou novamente com os latidos de Max. Brava com a insistência de seu cachorro, pegou-o no colo e botou-o em cima de sua cama.

No dia seguinte, enquanto Marcela escovava seus dentes, viu algo correndo atrás dela, sentiu a presença de algo ruim. Ainda perturbada, saiu para o trabalho. Max estava tranquilo.

Mais tarde, a mulher foi em uma igreja para conversar com o pastor sobre as coisas que sentia e via. Depois de um tempo na igreja, o pastor decidiu ir rezar no apartamento de Marcela para ver se aquela “presença ruim” ia embora.

Naquela mesma noite, de madrugada, Marcela acordou novamente com os latidos insistentes de Max. Acendeu a luz do quarto, arrastou a cama e viu um tipo de “alçapão”. Tomou coragem e decidiu investigar aquilo.

Pegou sua lanterna, desceu as escadas daquele porão escondido. Olhou tudo em volta, era um lugar escuro, empoeirado e malcheiroso. A mulher caminhava vagarosamente, quando de repente, ela iluminou uma parede com as fotos de moradores antigos. Algumas delas estavam desenhadas um “X”. Marcela se assustou quando viu uma foto sua dormindo.

Após ver a sua foto naquele lugar, não pensou duas vezes, saiu correndo dali. Foi direto para seu

quarto, arrastou a cama para cima do alçapão, trancou o quarto e foi dormir na sala de estar.

No dia seguinte, de manhãzinha, Marcela foi à delegacia para dizer o que havia visto. Logo depois, os policiais começaram uma investigação no apartamento misterioso. Depois de algumas horas procurando algo, os policiais não acharam nada. Marcela decidiu ir embora daquele apartamento. Ela e Max foram morar na casa da mãe dela.

Quanto ao apartamento, a proprietária continuou a divulgar o local: “Vende-se ou aluga-se”, fingindo que nada aconteceu ali.

Autora: Maria Eduarda dos Santos Gomes
EMEF Brigadeiro Faria Lima
DRE Ipiranga
Professora: Eliana Pardo Pulz Doiche

A chácara

Alguns anos atrás, quando eu tinha treze anos, minha mãe e meu pai aceitaram o convite de uma amiga para passar um final de semana na chácara onde ela era caseira.

Quando chegamos lá, percebemos que a chácara era bem simples: sem piscina, no meio da mata e com o banheiro do lado de fora da casa. Observei algumas galinhas e gansos (o que me deixou com medo, pois eles têm fama de “atacar” pessoas estranhas).

Ao anoitecer, todos nós arrumamos as nossas camas. Foi aí que meu irmão, Mário, quis ir ao banheiro. Minha mãe disse que ele podia ir sozinho, mas ele, com medo, chamou meu outro irmão, o Adilson, para ir com ele; Adilson por sua vez, com medo do escuro, disse-lhe para ir sozinho. Sem opção, Mário acabou indo sozinho ao banheiro. Segundos depois, ouvimos passos correndo e uma respiração forte, quando a porta se abriu bruscamente e vi meu irmão, Mário, que estava pálido e sem fôlego. Quando recuperou o fôlego, disse:

– Um fantasma! Um fantasma! – disse com voz trêmula.

– Mas fantasmas não existem! – retrucou Adilson.

– Eu vi! Ele estava agachado e quando me viu, se levantou! Ele usava um terno branco! – disse ele, com medo.

– Então vamos lá olhar! – disse meu pai, dirigindo-se à porta.

Olhei para a janela e estava muito escuro lá fora, sem luz nenhuma. Eu queria ver o que era, mas estava

com medo. Quando todos foram, eu fui correndo atrás deles (afinal, não iria ficar sozinha em nenhum lugar).

Estava silencioso demais, só o barulho dos nossos passos se ouvia, quando de repente... vimos um vulto atrás do mato. Todos nós gritamos e corremos para a casa. De repente, eu tropecei; olhei para a direção do vulto e pude ver um pouco a cara dele: era branca e assustadora. Eu estava sem fôlego, então me levantei e corri para dentro. Mário trancou a porta, mas meu pai, inconformado, quis voltar lá para ver mais de perto. Ficamos na porta olhando ele ir sozinho.

Então, de longe, vimos que quem saiu de trás do mato era simplesmente... um... ganso! Todo branquinho e grande, bem grande!

Após o grande susto, todos fomos ao banheiro, já que estávamos lá fora nesse momento e depois fomos dormir. Até que a noite foi boa!

No dia seguinte, rimos muito do que aconteceu. Nunca mais voltamos lá, principalmente por sabermos, na hora de vir embora, que o marido da caseira havia sido enterrado lá alguns anos antes da nossa visita, quando caiu dentro do poço e que ele adorava um terno branco...

Autora: Júlia Sayuri Vieira Ishizaki
EMEF Alexandre Gusmão
DRE Guaianases
Professora: Célia Emy Shima Kawakami

Incêndio infernal

Estados Unidos, 2002

Há alguns anos, em 1970, um circo foi aberto. Muitas pessoas foram para conhecer o astro principal, o palhaço.

Foi um sucesso de vendas dos ingressos. O palhaço ficava cada vez mais famoso e rico. Com isso, ele acabou entrando em depressão, pois quanto mais fama, mais era criticado.

Um dia, durante um show, o circo começou a pegar fogo e todos os que estavam ali morreram. Sobrou apenas uma família muito simples que estava brigando na bilheteria, pois o dinheiro que tinha não dava para comprar os ingressos. Quando o pai percebeu o fogo no circo, pegou sua mulher, seu filho mais velho e seu bebê recém-nascido e saiu correndo. Chegaram a casa muito assustados e foram dormir.

Na madrugada daquela noite, exatamente às três horas, o pai acordou com rangidos na escada. O homem foi consultar.

– Quem está aí? – Perguntou o pai.

No segundo em que ele abriu a porta do quarto, percebeu um vulto passando no corredor de sua casa. Num piscar de olhos, o pai daquela família caiu morto no chão.

Com o barulho, o filho recém-nascido começou a chorar. A mãe acordou para acalmar o bebê. Foi quando viu o corpo do marido no chão.

– Nãããooo! O que aconteceu? – Gritou a mãe desesperada.

Ela desviou o olhar do marido morto e pensou em seus filhos no outro quarto.

Mas já era tarde... Do quarto das crianças saiu o palhaço, o mesmo astro do circo que tinha pegado fogo.

A mãe tentou fugir da casa, mas as portas estavam trancadas, mal sabia ela que a casa estava em chamas.

– Por quê? – perguntou a mãe tentando entender o que estava acontecendo.

O palhaço parou diante dela e disse:

– Vocês deveriam ter morrido no incêndio. Vim buscá-los.

A casa foi toda queimada pelo fogo. Todos morreram queimados.

Hoje em dia é um mistério esse caso, pois não sobraram vestígios do que aconteceu. Existem relatos de que os espíritos das pessoas dessa família vagam nas redondezas da casa espantando as pessoas que brigam por dinheiro.

Autor: João Pedro Rodrigues Gomes

EMEF Ministro Calógeras

DRE Santo Amaro

Professora: Leise Diene da Silva Kobayashi

Vampiros de família

Uma família de vampiros foi visitar seus parentes, tendo sido convidados para uma celebração que ocorreria na sexta-feira 13. Havia muitas personalidades, mas o Jason, que ninguém chamou, apareceu à 1h30 da madrugada com seu machado coberto de sangue e com ar de mistério sem ser revelado.

Naquela família, há duas crianças: Sophia e Paulo. A menina é a mais velha e quando percebeu o Jason chegando no escuro tendo somente o contraste da clara lua por trás, pensou que fosse uma tremenda ilusão de ótica, mas seu irmão, espantado, explicou-lhe que era simplesmente o próprio personagem ali. Isso causou afobação e terror neles, mesmo tendo nas veias sangue de vampiros.

Seus pais perceberam que estava acontecendo algo de errado, então correram para verificar. Deparam-se com o Jason, que começou a perturbar a todos ali, que estavam pacificamente comemorando um dia que sempre era aguardado no ano.

Jason começou a perturbar aos presentes, causando pânico e confusão. Sophia, desse modo, ficou muito brava e se pôs a expulsá-lo da festa, pois assim como todos que estavam lá, não fazia mal a ninguém, só tomava sangue de galinha e de boi.

Assim, a garota transformou-se em um pequeno morcego e voando rapidamente em volta do monstro, o fez tropeçar e cair. Quando ele viu aquele povo todo reunido em volta dele no chão, ficou com medo de apanhar e saiu correndo em disparada pela estrada vazia. Então, a festa seguiu e todos ficaram tranquilos.

Autora: Alice Fabiane Santos Vilela
EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim
DRE Campo Limpo
Professora: Shirley Rocha Correia

O espírito assombroso

Antonio era um homem engraçado e medroso, tinha uma família adorável e trabalhava de taxista. Seu turno era das oito da manhã até as quatro da tarde, mas, às vezes, tinha que trabalhar à noite.

Nunca havia vivenciado algo sobrenatural, mas na noite daquele dia... Aqueles passageiros o deixaram horrorizado. Eles tinham acabado de sair do cemitério, pois uma criança de sua família tinha falecido, mas isso não foi o pior...

Depois de a família ter mostrado uma foto da criança e, então, terem saído do taxi... tchum, o espírito da criança refletiu no retrovisor do carro. Antonio ficou horrorizado ao ver aquilo. A voz da criança o deixou assustado por toda a viagem que percorreu. Quando ele chegou em casa contou essa história a sua família, mas ninguém acreditou.

A criança fez com que ele perdesse a paciência com gritos e berros dizendo que queria voltar ao seu lar. Antonio foi ao cemitério a fim de deixar o espírito da criança lá.

Dizem que depois dessa história que ocorreu na vida de Antonio, ele nunca mais trabalhou como taxista e nem ousa entrar mais em um cemitério.

Autora: Camilly Lima Cordeiro
EMEF Professor Mario Schonberg
DRE Santo Amaro
Professora: Camila Barreto Oliveira

Duas meninas, um professor e o ventilador

Num dia de muita chuva, duas meninas estavam na escola, até que o professor Flávio resolve chamá-las. Quando elas chegaram à sala se depararam com outros alunos. O professor havia dito que a escola fora convidada para fazer parte de um livro.

O professor já havia explicando para os alunos do 9º, 8º e 7º ano, quando finalmente chegou na vez das meninas do 6º ano, ficaram na sala só elas e o professor, está tudo escuro nesta sala. O professor começou explicar para elas:

– Vocês terão que fazer um conto de assombração ou mistério...

O professor estava explicando o que elas deveriam fazer, quando explicava sobre as histórias de terror, apareceu em primeiro lugar a história da Maria Angula. Estava tudo direitinho, mas quando falou novamente Maria Angula, o ventilador liga misteriosamente, num vento muito forte, mas algo de estranho aconteceria, estava cheio de folhas na sala, estranhamente nenhuma voava; era como se o sobrenatural estivesse presente ali; as meninas, porém não deram muita bola para isso. A caminho da sala, Fernanda comentou o que havia acontecido com o ventilador, mas não mencionou o caso dos papéis.

Pouco tempo depois, o professor as chama novamente, no caminho, elas veem um vulto passando

ao lado delas. Um pouco depois as luzes da escola se apagam de repente.

Depois elas chegam à sala. Estavam apavoradas, mas, inteiras, e encontram os alunos todos deitados sobre as mesas, como se tivessem desmaiados. Então elas vão à busca do professor, mas não há ninguém na escola. Todos sumiram de uma forma estranha. Preocupadas correram de volta para a sala em que o professor havia pedido para ir, mas assim que elas entraram o ventilador ligou, e uma voz um tanto sinistra, começou a falar:

– Seu maior pesadelo se tornou realidade. E de agora em diante só tem vocês nesta humanidade!

As meninas assustadas começam a correr até que tropeçam em algo e caem no chão. Quando se levantam encontram uma pessoa toda vestida de preto, não dá para ver o seu rosto.

Assustada, começam a correr sem rumo, hoje não há pistas de onde foram parar, não sabemos se elas morreram ou se ainda estão por aí. O que sei, é que eu não quero ver isso se repetir!

Autora: Kathleen Izabel de Oliveira Pereira
EMEF Henrique Souza Filho – Henfil
DRE São Mateus
Professor: Flávio Luiz Costa

Uma vida inteira mal assombrada

Uma linda garotinha, ao nascer, era a coisa mais graciosa do mundo. Conforme foi crescendo, foi mudando, mudando e criando uma corcunda em suas costas. Ela tinha muita vergonha e nunca saía de sua casa.

Sua família era composta somente dela e seu pai, pois sua mãe morrera no parto. Seu pai fazia tudo para que ela ficasse feliz, mas sua corcunda a atormentava.

Certo dia, teve um acesso de raiva (sempre tinha dessas crises). Ela pegou uma faca e matou o seu pai. Como a sua raiva era passageira, quando a raiva passou, viu a “burrada” que tinha feito. Com medo, enterrou o pai na sua própria casa.

Conforme o tempo passou, o corpo de seu pai começou a feder, feder muito. Então ela foi tomar banho para sair de casa o quanto antes. E percebeu algo diferente em seu corpo:

– Oxe, cadê minha corcunda?

Examinou seu corpo e percebeu que não tinha mais a corcunda. Ficou muito feliz, embora estranhasse. Saiu rapidamente dali, por causa do cheiro e fugiu.

Andou horas, até que achou uma casa que parecia abandonada. Cansada, resolveu entrar e acabou adormecendo.

Quando acordou, já era noite. Ela ouviu uns barulhos estranhos e foi ver o que era: viu coisas flutu-

ando; ficou assustada, pois achou que estava sonhando... Mas, ouviu vozes que diziam:

“Você me matou! Você me matou!”

Achou que era a voz de seu pai que saía da catacumba para assombrá-la e pensou: “Não pode ser! Eu o matei e o enterrei! Só pode ser a alma dele que veio me assombrar! Ele morreu!”

Com muito custo e muito medo, finalmente dormiu, pois não podia fazer nada. Depois daquela noite, todos os minutos de sua vida eram assustadoramente mal assombrados.

Finalmente, ela resolveu acabar com aquele sofrimento, então saiu correndo, sem saber para onde ir. Para onde quer que fosse, “a voz” a seguia. Um dia, ela disse:

– Chegaaaaaaaaaaaa!!!!!!

De noite, quando ela dormiu, seu pai apareceu, puxou seu pé e a levou para o inferno. Ela pediu perdão para seu pai mas ele não aceitou e a partir daí, rondam o inferno juntos...

Mas e a corcunda? Bem, esta é uma outra história...

Autora: Luiza de Souza Thuler
EMEF Alexandre Gusmão
DRE Guaianases
Professora: Célia Emy Shima Kawakami

7º ANO

CONTO DE AVENTURA

As aventuras de Jack

Jack era um menino normal, como todos os outros, brincava, jogava bola, ia para escola, fazia coisas que meninos faziam. Porém nesse dia, quando ele ia para escola, encontrou pelo caminho um homem com vestimentas todas pretas.

O homem então chamou o Jack para conversar:

- Bom dia, menino! Como se chama?
- Me chamo Jack – Respondeu ele.

Os dois conversaram tanto que Jack perdeu o horário da aula. Enquanto eles conversavam, o homem deu a ele um papel com o seu endereço e número de telefone, caso quisesse conversar novamente.

Chegando em casa, ele recebeu um telefonema que dizia que ele estava correndo risco de vida e para não morrer teria que passar por uma série de provas.

Já era meia-noite e o telefone de Jack tocou...

- Então, como tinha falado, para não morrer você passará por uma série de provas. E a 1ª delas é: você terá que na praça que fica na frente de sua escola.
- Mas...agora?-perguntou Jack.
- Se você não quiser perder a vida...

Chegando na praça, ele avistou um bilhete no banco, que dizia: “Muito bem, a 1ª você já cumpriu. Vamos parar 2ª... Sobe no balanço e fica balançando lá por 2 minutos, feito isso vá até um banco que vai estar na sua frente e pega o bilhete.”

Jack com as pernas tremendo, subiu no balanço e fez o que lhe foi pedido. Assustado, não parava de olhar a hora no relógio.

Passados dois minutos, ele saiu do balanço e foi em direção ao banco, no bilhete havia escrito, “Parabéns, a 3ª prova será na escola, chegando lá, na porta terão as instruções para você entrar.”

Com calafrio na barriga, ele foi até a escola, pegou o papel e fez o que lhe pedia.

No 4º bilhete estava escrito: “Muito bom, agora vai parar a diretoria e pegue a prova do Saymom, seu amigo. Feito isso, vá para a praça e coloque a prova em cima de um papel vermelho.”

Jack fez o que estava escrito no papel, só que ele trocou a sua prova pela do seu amigo, e deixou lá...

Depois disso, vinha a 5ª, e a última, prova, “Parabéns, Jack, nunca pensei que teria coragem de fazer tudo isso. Isso mostra que você é um menino muito corajoso e de bom coração, trocou a sua prova pela do Saymom, isso mostra que você é um amigo leal, estou feliz de você ter feito isso. Fique tranquilo que não vai acontecer nada com você. E a 5ª prova é: “vá para sua casa e descanse.”

Feito isso Jack conseguiu dormir em paz. Porém no dia seguinte, seus pais lhe perguntaram por que ele havia saído e chegado tão tarde ontem.

Jack que não quis responder e inventou outra história.

Muito nervoso com o que havia acontecido, Jack parou de sair à noite e passou a ser mais presente com seus pais.

Autora: Rafaela Oliveira dos Anjos
EMEF Coronel Helio Franco Chaves
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Kelly Cristina Rabelo do Nascimento

Problemas adormecidos

Há muitos anos, um bom investigador juntou provas e descobriu a identidade de dois assassinos, que foram julgados e presos, mas um ano depois o acusaram de forjar as provas, os "assassinos" foram liberados cheios de ódio.

Com boatos circulando, o investigador passou a receber ameaças e decidiu fugir. Dessa forma, deixou sua esposa e sua filha, Alice, que cresceu sem o pai e com muita raiva dele.

Alice não gostava do seu pai, por acreditar que ele realmente tinha cometido tal erro e sonhava em superá-lo. O tempo passou, cresceu, estudou e estava se preparando para se tornar uma investigadora também.

Em uma tarde, enquanto caminhava, foi atropelada por um carro e entrou em coma.

Após três dias, ela começou a acordar sentindo uma estranha leveza no corpo. De repente, viu um ser parecido com um cachorro da raça "Lulu da Pomerânia" olhando para ela.

– Bom dia! Demorou, hein? – disse o cachorro, usando um lenço azul no pescoço.

– Socorro! Sai, praga! – ela gritou, empurrando o animal.

– Calma, calma! – disse o cão, flutuando no ar - Você não percebeu que aqui não é o mundo real? Pode dizer seu nome e me deixar explicar?

– Alice... – disse ela, segurando um travesseiro para se defender.

– Olha, Alice, quem tem assuntos mal resolvidos, que envolvem pessoas mortas, pode acabar entrando em coma e vindo parar aqui. Caso não resolva seu problema logo, pode ficar presa aqui para sempre!

– E como se resolve algo aqui?

– Aqui, estamos conectados com o mundo real, mas como se fossemos "fantasmas". Por isso, você pode encontrar muitas pessoas, lugares e se transformar em vários seres! É mágico!

– Por que diabos você é um cachorro?

– Eu sou humano, mas, como aqui, posso ser o que eu quiser, preferi ficar em forma de cão. O problema é que o tempo passou e não consigo mais me lembrar de quem eu sou de verdade, nem sair daqui porque não resolvi meu assunto pendente. Porém, pode me chamar de Noah.

Alice se levantou da maca e saiu correndo do hospital, seguida por Noah.

Os dois começaram a pedir informações para descobrir se havia algum morto da família de Alice ali. Eis que surgiu um homem que se apresentou como um amigo da família, chamado Sr. Silva, disse ainda que sabia de um local onde poderiam encontrar tais respostas.

Silva levou-os para uma pequena casa de madeira, onde não havia ninguém. Ao chegar lá, ex-

plicou que infelizmente se arrependia por ter sido o responsável pelo acidente de Alice. Explicou que, por azar, após atropelar a moça, seu carro foi acertado por outro maior, o que fez com que perdesse o controle e também entrasse em coma.

– Alice, que tal se fizéssemos um jogo, parecido com que é feito para banir alguém do mundo real? Basta que aqui, neste mundo, você prenda com correntes de ouro a pessoa que está envolvida em seus assuntos mal acabados. Deixe-me mostrar como se faz?

Alice percebeu que as intenções do tal Sr. Silva não eram boas e correu.

– Saia de perto de mim! Não quero morrer!

Ele avançou rapidamente em direção à Alice, que tropeçou e caiu. Ao ver a nova amiga no chão, Noah tenta ajudá-la, mordendo a corrente para puxá-la e assim atrasar o Sr. Silva, que se irritou.

– Fique fora disso!

Logo, jogou o pobre cão para longe, mas Alice se aproveitou dessa distração e o prendeu, vencendo o tal do jogo.

Sem alternativa, Sr. Silva aceitou sua derrota e revelou que tinha participado do assassinato de seu pai, Lucas Álvarez, além do fato de que era um dos bandidos que havia sido preso por ele.

Contou que após terem subornado o juiz, ele e seu colega foram libertos, passaram a perseguir o pai

dela e o mataram. Para não levantar suspeitas, enteraram seu corpo embaixo daquela casa de madeira.

Sr. Silva disse que matar Alice foi ideia de seu comparsa, chamado Ferreira, que já havia falecido também.

– Ele me fez jurar que eu a mataria, insistia em dizer que você poderia desenterrar essa história e descobrir toda a verdade.

De repente, Sr. Silva começou a sumir, mas, antes, ele apontou para Noah e o chamou de "Nathan". Contou que esse era o seu nome verdadeiro e que era uma criança de 7 anos, filho de uma família rica.

– Eu e meu parceiro Ferreira planejávamos roubá-los, mas acabamos fazendo com que você sofresse um grave acidente em sua mansão.

Depois disso, Sr. Silva sumiu e Noah, ou melhor, Nathan, lembrou-se de tudo o que aconteceu e voltou a sua forma de garoto. Contudo, como ele já havia morrido, começou a sumir também, mas não voltaria para o mundo físico. Rapidamente, agradeceu e disse:

– Alice, fique tranquila. Na hora certa, você vai saber o que fazer.

Ao concluir a frase, desapareceu.

Subitamente, Alice acorda do coma. Dias depois, termina seus estudos e consegue se tornar uma investigadora. Em seu primeiro trabalho, retorna a

casa de madeira e faz uma reviravolta naquele caso perdido, recuperando seu respeito pelo pai e a honra dele enquanto investigador.

Assim, Alice segue com sua profissão ajudando a solucionar mais casos complicados, enquanto Nathan e Lucas Álvarez conseguem descansar em paz.

Autora: Camilla Santos Liberato Diamantino
EMEF Professor Carlos Nicoletto - Zito
DRE São Mateus
Professora: Isabel Cristina Macedo Amaral

A caminhonete

Um grupo de amigos, do outro lado da cidade grande, viajava em direção ao interior com uma antiga caminhonete que um deles possuía.

Todos se encontravam ansiosos para desbravar novas experiências e sentir um pouco da essência do sertão, a emoção transbordava em seus corações, fazendo esvaírem-se eufóricas cantorias e danças malucas em um espaço tão apertado quanto aquele.

Por conta daquela tarde ser considerada especial, os meninos imaginaram um pertence de uma inexistente liberdade para fazerem o que gostariam, com isso, “algumas” gotas de álcool foram ingeridas. E aí, já viu, né?! Foi o suficiente para a loucura dominar, a tontura chegar, um descontrole acontecer e a pobrezinha da caminhote bater.

Depois de acordarem de tão extenso desmaio, se depararam com graves ferimentos na maioria e em gemidos de dor e agonia, foi iniciado a histórica aclamação por socorro.

Bem distante, viviam vários homenzinhos com diversas aparências. Ao ouvirem fortes gritarias vindas perto de suas moradas, resolveram ceder alguma contribuição.

No instante em que os nove colegas notaram a presença dos homens, diferente do que estavam acostumados em sua convivência, rapidamente foram vítimas de total espanto e aqueles que se encontravam conscientes, iniciaram a reza em baixo tom.

Os rapazes notaram a apreensão nos olhos dos moços e tentaram transmitir a maior tranquilidade

possível. Mas por conta de seus físicos incomuns, não foi o suficiente para se obter confiança. Por isso, de forma grosseira e ignorante, recusaram suas solicitações de ajuda. Ao amanhecer o dia, os quatro garotos restantes que ainda estavam acordados, tentaram empurrar o veículo próximo à primeira residência vista. Sem direito a intervalos, seguiram assim durante 24h até perceberem a ausência de resultados vendo apenas barros e plantas. Aos poucos, o número de enfraquecidos aumentava e a necessidade de hidratação era intensificada cada vez mais. Dois dias em completas chamadas por líquidos e alimentos, os segundos para o fim se cronometravam no relógio.

Em forma de luz, os moradores apareceram como fontes de esperança aos necessitados, carregando suplementos, ferramentas e curativos que situavam se em sua isolada casinha.

Após algum tempo de recuperação, os viajantes imploraram perdão por seus infelizes julgamentos.

Em seguida da manutenção do transporte, os urbanos lamentavam sua trágica viagem, mas mal sabem eles que o objetivo que mantinham desde o início foi cumprido. Afinal, quem disse que conhecer algo novo precisa ser mil maravilhas?

Autora: Júlia Tereza Fernandes
EMEF Henrique Souza Filho – Henfil
DRE São Mateus
Professor: Flávio Luiz Costa

A poção mágica da Índia

Um dia, Mariana, que era uma digital influencer muito famosa, estava viajando para Índia. Ela era muito bonita e elegante, tinha olhos verdes e era ruiva. Quando chegou à Índia encontrou um homem muito bonito e logo se apaixonou, mas o que ela não sabia é que ele não era uma pessoa tão normal e sim, era um feiticeiro muito misterioso.

Ela foi explorar a Índia e viu um cartaz de propaganda sobre um show que aconteceria à noite e decidiu ir. Naquela noite, o mágico apresentou seus truques e fez um belíssimo espetáculo. Na saída, quando ela estava indo embora encontrou com ele:

– Olá, você que é o mágico? – disse a digital influencer com tom de ironia.

– Sim sou eu mesmo e estou prestes a acabar com o planeta! – ele respondeu friamente.

Ela se espantou e achou estranha a atitude do rapaz. No caminho para casa, ela pensou bastante e decidiu compartilhar com todos os seus seguidores e falar a todo o seu grande público sobre o que tinha acontecido.

Quando chegou em sua casa ela começou a pesquisar sobre feiticeiros e realmente encontrou sobre uma poção que era capaz de derrotar todo o planeta. Ela pesquisou mais a fundo e descobriu uma saída! Viu que tinha como ela salvar o mundo, desativando o poder da destruição criando uma nova poção. Foi aí que ela começou uma verdadeira aventura na Índia.

Ela teve uma ideia, pensou em marcar um encontro com ele, mas primeiro ela teria que fazer a tal poção,

e assim foi. Ela começou a procurar os ingredientes pela floresta e acabou encontrando por lá uma feiticeira do bem. Seu nome era Mamáode e ela fez a poção com rapidez, mas disse queria algo em troca para entregar o líquido mágico. Mariana escondia uma coisa de seus seguidores... sua mãe tinha sumido anos atrás e ela guardava um amuleto muito valioso que tinha ganhado dela como recordação. A digital influencer, muito triste, deu à Mamáode o amuleto. Imediatamente, a feiticeira o reconheceu e percebeu que Mariana era sua filha que fora roubada ainda bebê!

Então elas resolveram passar todos seus outros dias como mãe e filha. Mamáode pergunta a Mariana para que ela queria aquela poção:

– Eu descobri, durante um show aqui na Índia, que há um homem que faz magias e está prestes a derrotar o mundo! – disse Mariana.

Mamáode pegou a poção e foi até o mágico e fingeu ser uma velha vendendo suco pela Índia. O feiticeiro aceitou o suco e puf! Todo o poder dele acabou na hora e mãe e filha voltou para casa.

Mamáode criou um livro com sua história junto a sua filha na Índia e ficou tão famosa quanto a digital influencer.

Autora: Letícia Alves de Deus Neves
EMEF Professor João de Lima Paiva
DRE Guaianases
Professora: Aline Akemi Nagata Prado

O bravo guerreiro

Era uma vez um príncipe que se chamava Rafael III, que gostava muito de se aventurar.

Um dia seu pai adoeceu no início da ameaça de uma guerra contra o reino de Liones (o reino dos monstros), e Rafael assumiu o posto de Rei, por ser o único filho homem entre 12 irmãs, e como não tinha experiência nenhuma em guerras, procurou um monge nas montanhas sabias para aprender magia e arte marcial dos monges (monges que usam magia, armaduras e espadas).

Depois que voltou para seu reino, após vários meses aprendendo, ele se tornou um grande mago guerreiro, mas, mesmo assim, ele não conseguiu derrotar o reino de Liones, o reino inimigo tinha



Ilustração: Víktor Silva Garcia

uma coisa que eles nunca tiveram: uma orda de dragões e orcs. Então ele passou os ensinamentos que aprendeu com os monges para suas 12 irmãs, elas se tornaram grandes guerreiras e arqueiras.

No começo dessa guerra, os soldados de Liones estavam sofrendo para combater os soldados do guerreiro mágico (Rafael). Quando Rafael tinha esperança de acabar de vez com essa guerra Liones mandou sua orda de orcs, dragões e vários outros monstros, mesmo assim ele não hesitou e grande coragem e ajuda de suas bravas irmãs, Rafael conseguiu derrotar o reino de Liones.

E assim conseguiu trazer novamente a paz ao seu reino. Mas, mesmo assim, uma grande ameaça está por vir.

Autor: Mateus Santos Pordeus
EMEF Henrique Souza Filho – Henfil
DRE São Mateus
Professor: Flávio Luiz Costa

Galochas vermelhas

Era uma vez uma menina muito rebelde, todos a chamavam de Galochas Vermelhas porque ela sempre usava uma capa acinzentada e velha junto com exuberantes galochas vermelhas, que se destacavam e chamavam a atenção de todos.

Em um dia de muita chuva, o bosque que rodeava seu vilarejo estava cercado de lama, as árvores balançavam com o vento forte e os animais corriam para se abrigar dos trovões.

A menina estava em casa com o seu pai e decidiu cozinhar uma sopa para seu avô, porém seu pai não permitia que ela saísse de casa naquele dia, pois estava muito perigoso. A menina esperou seu pai adormecer, vestiu suas galochas e saiu pelo bosque até a casa de seu avô. O caminho era grande e era difícil se locomover com toda aquela lama, era preciso tomar cuidado para não derramar a sopa. A chuva diminuiu por alguns minutos e logo voltou a dificultar seu caminho. Até que de repente a menina se deparou com um urso grande e peludo. Inicialmente ela sentiu medo e preferiu não falar com ele, mas foi parada logo em seguida quando ele lhe ofereceu ajuda até a casa de seu avô, disse que conhecia um caminho mais rápido e acessível. Galochas Vermelhas seguiu o urso e no caminho ele contou a ela que muitos caçadores disfarçados estavam assaltando as casas que ficavam mais isoladas no bosque...

Enquanto na casa do vovô, um homem bate na porta, o vovô atende e pergunta logo em seguida:

– Pois não?

– Boa tarde, senhor! Sou um guarda florestal, preciso averiguar o local. Disse o homem.

– E onde está seu distintivo? Perguntou o velhinho já desconfiado.

– Sem mais perguntas, deixe-me entrar! Gritou o homem empurrando o vovozinho no chão.

A menina e o urso se aproximavam da casa quando perceberam a porta aberta e logo se apressaram para entender o que havia acontecido. O ladrão percebeu a chegada deles e rapidamente trancou o vovô no armário e se deitou na cama, cobriu-se e colocou um chapéu que encontrou em cima da mesa. Quando a menina chegou, logo estranhou a aparência jovem do homem. O urso, que já havia percebido algo errado ali, farejou o pobre velhinho e o tirou do armário no mesmo instante em que o homem disfarçado correu rapidamente para a porta com uma bolsa, mas o urso foi mais rápido e conseguiu o segurar. Depois de chamarem os verdadeiros guardas, a menina e seu avô agradeceram ao urso pelo ato heroico. Ele então prometeu sempre proteger o bosque e todos que por ali passavam.

Galochas Vermelhas passou a obedecer mais o seu pai, e o urso que se tornou seu melhor amigo, faz questão de sempre vigiá-la, faça sol ou faça chuva, e, claro, lembrá-la sempre que as aparências enganam.

Autora: Anna Clara Menezes Penafiel Araújo
EMEF Henrique Souza Filho, Henfil
DRE São Mateus
Professor: Flávio Luiz Costa

Pezinhos Dourados e o Guardião

Anna era uma menina que morava com seus pais numa pequenina casa em um vilarejo quase abandonado.

Em seu aniversário, Anna ganhara um lindo par de sapatilhas amarelas. Usava tanto os sapatinhos que logo a apelidaram de “pezinhos dourados”, porque os passos eram iluminados pelo forte brilho que o par de sapatos exalava.

Quando escurecia, sua mãe sempre alertava para que a garota tomasse cuidado, principalmente, com a floresta que circundava o casebre. Mas quando a mãe de Anna recebeu a notícia de que sua irmã – que morava após a floresta – estava doente, a menina teve de ir todas as noites visitar sua tia.

Numa noite, a menina decidiu pegar um atalho: a mãe planejava acender uma fogueira e a garota não queria chegar em casa quando o fogo já estivesse no fim. Anna guiava-se pelo som de uma coruja serelepe que cantava a noite inteira ao lado da casa de sua tia. Mas, de repente, tudo ficou em silêncio. A única coisa que se podia ouvir era o som de seus passos e a garotinha se deu conta, estava perdida. E agora? O que iria fazer? Anna chorou até soluçar.

Escutou um grunhido. Assustou-se e lembrou-se do aviso de sua mãe: cuidado com a floresta.

Quando tomou coragem para olhar, a garota viu um enorme lobo de pé a sua frente. Estava apavorada, não conseguia correr, sequer falar. O animal sentou-se ao seu lado.

– Olá! – cumprimentou o velho lobo.

Sem respostas, insistiu.

– Não temas, não irei te fazer mal, Pezinhos Dourados.

– Não irá me engolir? – questionou a garotinha, assustada.

O lobo negou.

Anna olhou para o animal, mesmo com uma corcunda estranha, era maior do que ela.

– Já que não irá me fazer mal, por que tem esses olhos tão grandes?

– Para que eu te observe melhor, garotinha.

– E por que tem esses ouvidos tão grandes?

– Para que eu te escute melhor, Pezinhos Dourados.

– Mas por que esse nariz tão grande?

– Chega de perguntas, Anna. – exclamou o lobo – Sua tia precisa da sua ajuda!

– Eu não consigo! – a garotinha responde, aos prantos.

– Não chore, menina. Use seu sapatinho dourado para iluminar seu caminho.

Anna, então, sem nenhuma outra opção, decidiu encarar o escuro e silêncio amedrontadores da floresta.

Intrigada pelo lobo – qual nunca havia falado com a pequena – saber tanto sobre suas sapatilhas, ela voltou para questioná-lo. No entanto, o lobo sumira de repente. Confusa, decide continuar o caminho cantarolando para amenizar o ensurdecador silêncio da floresta.

– “Com meus belos sapatinhos vou andando sem parar e, todos os perigos consigo enfrentar.”

E pouco tempo depois, Anna conseguiu chegar à velha casinha da tia. Abriu a porta e viu o semblante cansado da senhora, ainda acordada.

– Olá, filha! – a tia de Anna tossiu, fazendo menção para que a garota se aproximasse.

Anna serviu o chá à mulher, então contou sobre o misterioso lobo que vira na floresta.

– Não há lobos aqui, Anna. – a tia respondeu rapidamente – Você deve ter imaginado. De qualquer forma, ande com cuidado.

Ofendida, a garotinha, ainda assim, concordou silenciosamente com a tia e logo se foi, voltando pelo mesmo caminho na floresta. Não demorou muito para que encontrasse novamente o animal.

– Minha tia não acredita em mim... Ela acha que você não existe. – murmurou, tristonha.

– Mas você me vê, não vê? – o Lobo aguardou que Anna concordasse, e continuou – Então eu sou real, estou aqui.

A menina deu um largo sorriso.

– Você é um bom amigo, lobo.

– Quando estiver em apuros, eu estarei aqui, Pezinhos Dourados. Então, quando precisar, conte comigo. Agora, volte para a sua casa. E assim fez Anna.

Assim que chegou em casa, Anna foi diretamente para janela de seu quarto conversar com as estrelas. Quando avistou o lobo na floresta e decidiu ir atrás dele. Ao chegar lá, percebeu que o lobo havia desaparecido.

– Seu lobo? Onde está você?

Sem respostas, Anna fica chateada. Quando ouviu uma voz ecoando da escuridão da floresta.

– O que você procura aqui, menina?

Confusa, Anna procura de onde vem a voz.

– Você não pode me achar, estou em todos os cantos. Eu sou o espírito desta floresta.

– Você sabe onde está o lobo?

– Não há lobos nesse vale. Respondeu a voz, talvez você não saiba, mas todos que moram ao redor

deste bosque possuem um guardião e o seu é o lobo, garotinha. Ele irá aparecer para você sempre que precisar, e diante de qualquer perigo, irá te guiar.

Triste por não poder ver o lobo, mas feliz por saber que ele sempre estará com ela, Pezinhos Dourados volta para casa. Desde aquele dia, Anna passa a visitar a tia todos os dias para rever os guardiões da floresta. E assim termina a história de Pezinhos Dourados e o Guardião.

Autora: Ayla Julia Ferreira dos Santos
EMEF Ana Silveira Pedreira
DRE Campo Limpo
Professora: Ariana Oliveira da Costa

Os três lobinhos

Era uma vez, três lobinhos que viviam na floresta com a sua mãe: Babi, Arthur e Victor. Eram educados por sua mãe, pois o pai havia falecido. Viviam muito felizes, não se preocupavam com nada, principalmente com o mundo fora de sua vila, pelo fato de não terem idade para tamanha liberdade. Porém a mais velha, Babi, sempre teve interesse em sair fora da cerca que rodeava sua vila.

O tempo passou e, ao completar seus 17 anos, decidiu sair de casa e ir morar por conta própria, seus irmãos fascinados com sua coragem, decidiram ir junto. Com as malas já prontas, foram se despedir de sua mãe e ela logo disse:

– Tenham muito cuidado, pois no mundo lá fora há muita maldade, e eu não vou estar lá para protegê-los.

Após tantos encantos e descobertas, o dia foi escurecendo, então os lobinhos procuraram um bom lugar para construir as suas casas e, assim que o encontrou, cada um começou a fazer a sua própria moradia.

O lobo mais novo, Arthur, que só pensava em dormir e brincar fez a sua casa muito rapidamente, usando lonas e prendeu ao chão com pedras. Victor, ansioso por ir brincar com o seu irmão, juntou alguns pedaços de pau e construiu sua casa de madeira. A loba mais velha, que era a mais ajuizada, disse:

– Vou construir a minha casa de tijolos. Assim terei uma casa muito resistente para me proteger das coisas ruins que mamãe avisou.

É claro que foi a que demorou mais tempo a construir a casa, mas, no fim, estava muito orgulhoso dela, e só aí se juntou aos seus irmãos para brincar.

Os dias se passaram, e os lobinhos se encantavam cada vez mais com as coisas que sua mãe tentava os impedir de conhecer, mas Babi nunca tirou o que sua mãe falou da cabeça. Até que um belo dia, moradores que passaram perto do local avistaram os pequenos lobos e logo disseram:

– Ora, ora, ora, três lobinhos à nossa frente.

Ao verem essa gente estranha, fugiram cada um para a sua casa.

As pessoas, que estavam cheias de fome, chegaram ao pé da casa de Arthur, o mais novo, e disseram:

– Sai daí que eu vou te pegar seu lobinho! Se não sair, derrubo essa mera cópia de casa.

O lobinho, com muito medo, não saiu e logo gritou:

– Não saio não!

E vendo a casa de lonas à sua frente, puxaram tão forte, que fez a casinha ir pelo ar!

O lobinho assustado correu para a casa de Victor, que tinha uma casa mais resistente.

Quando as pessoas lá chegaram, gritaram novamente:

– Saiam lobinhos! Estamos com tanta fome que vou comer aos dois...

E com pedaços de pedras, conseguiram deitar a casa de madeira abaixo.

Os dois lobos mais novos correram então, apavorados, para a casa da irmã mais velha, que era de tijolos.

Esfomeados, vendo que os três lobos estavam todos numa só casa, exclamaram, loucos de alegria:

– Saíam pequenos lobos! Fome eu não passarei, pois consegui três lobinhos para comer!

Então o grupo jogou pedaços de madeiras e de pedras que tinham, mas a casinha de tijolos não se mexeu nem um bocadinho. Aliviados, os três lobinhos saltaram de contentes. Mas eles não desistiram, e disseram:

– Não conseguimos deitar a casa de tijolos abaixo nem derrubar a sua porta, mas eu tenho outra ideia... esperem que já vão ver! E começou a subir o telhado, em direção à chaminé.

Os lobinhos mais novos ficaram aflitos, mas a mais velha, que era muito esperta, colocou por baixo da chaminé, uma grande armadilha com lenhas em chamas.

As pessoas, ao entrarem pela chaminé, caíram sobre lenhas quentes e queimaram seu traseiro, e logo em seguida fugiram o mais rápido que podia para bem longe. Os dois lobinhos agradeceram a sua irmã mais velha, e aprenderam a lição.

Deste povo estranho, nunca mais se ouviu falar.
Após uma semana acabaram voltando para os
braços de sua mãe, e aliviados pensaram:
“BEM QUE A MAMÃE AVISOU”

Autora: Sabrina Goulart Sousa
EMEF Henrique Souza Filho – Henfil
DRE São Mateus
Professor: Flávio Luiz Costa

O girassol de ouro

Era uma manhã bonita em Minas Gerais, Bel estava contando as horas para que seu pai voltasse de sua viagem, já suas irmãs Verônica e Thais só queriam os presentes que seu pai traria para elas.

Algumas horas depois o pai de Bel retorna da viagem entrega os presentes para suas irmãs e dá um forte abraço na Bel, era apenas o que queria do pai, com lágrimas nos olhos, chama Bel até o quarto e diz:

– Filha preciso dizer algo a você, tenho uma doença muito grave e corro risco de vida, precisarei fazer uma cirurgia, porém ela é muito cara e não teremos dinheiro para pagar.

– Não se preocupe, papai, daremos um jeito, você irá viver, diz Bel chorando.

Alguns dias depois...

O pai de Bel estava muito doente, ela ficou preocupada com a saúde dele, até aquele momento não haviam conseguido o dinheiro para a cirurgia. Enquanto Bel cuidava de seu pai suas irmãs assistiam à televisão, elas viram uma matéria no jornal, sobre uma excursão as minas de ouro e pedras preciosas que ficava na região onde moravam, era única ainda em atividade de extração de minérios preciosos.

Como a excursão era livre Bel teve um plano audacioso de tentar pegar uma pedra preciosa para ajudar seu pai e ir embora.

Chegando à mina, Bel percebeu que era muito vigiada e que havia seguranças por toda a parte,

então aborta seu plano de roubar as pedras da mina, mesmo porque foi uma ideia totalmente louca, porque nunca foi capaz de roubar uma flor de um jardim que se não fosse o dela.

Ela estava muito ansiosa com tudo aquilo, que estava acontecendo com seu pai e pensando que aquelas pedras poderiam ajudá-los, mas decidiu não roubar nada e ter sua consciência limpa.

Enquanto Bel estava distraída o grupo se distanciou e se perdeu na mina.

– Estou perdida nesse túnel sem fim, e agora o que farei da minha vida! Bel diz assustada.

Bel continua andando pelo túnel e encontra uma luz que vinha no final caminho, feliz imaginou que era a saída, porém se deparou com um grande castelo, escuro e sombrio, e a única coisa bonita era um girassol de ouro, mas suas pétalas estavam caindo, jamais tinha visto algo assim.

Ao entrar no castelo, encontra um espaço mais agradável e confortável do que o lado de fora.

– Alguém está aí, estou entrando. Diz Bel em tom alto.

Bel sobe as escadarias e encontra Rumpelstilzchen, com vontade de ir embora resolve descer as escadarias, mas assustada com o que vê no andar de baixo fica paralisada.

– O que faço agora, de um lado Rumpelstilzchen e do outro um relógio e um candelabro falante?

Então, Rumpelstilzchen se aproximou e disse:

– O que está fazendo aqui?

– Eu estava nas minas e acabei me perdendo.

Diz Bel assustada.

– Pois trate de sair daqui e vá embora. E nunca mais volte.

– Você esqueceu, precisará dela aqui, diz o candelabro.

– Não me esqueci, mas quero que ela vá embora e não volte mais, diz Rumpelstilzchen.

– Com a insistência do candelabro e do relógio, Bel falou:

– Eu posso ficar, mas precisarei de um favor seu.

– O que você vai querer? Pergunta Rumpelstilzchen.

Bel explica tudo o que aconteceu com seu pai, então o Rumpelstilzchen permite que Bel tire uma pétala de ouro de seu girassol, porém ela terá que ser prisioneira dele pelo resto de sua vida.

Chegando a sua casa, Bel dá a notícia a seu pai. Ela diz que conseguiu o dinheiro necessário para a cirurgia, mas terá que ser prisioneira para sempre.

Então seu pai preocupado diz:

– Não concordo, você irá ficar aqui.

– Mas é preciso, pai, diz Bel.

Quando Bel volta ao castelo, Rumpelstilzchen lhe diz:

– Agora você ira limpar todos os meus livros.

Bel vai até a biblioteca e limpa todos os livros, quando faltava o último livro para Bel limpar, ele cai

no chão de páginas abertas e muito curiosa ela lê o livro e descobre que Rumpelstilzchen se tornara um girassol de ouro após se apaixonar.

Bel se espanta, limpa aquele livro e o guarda para bem longe dela.

Anos depois...

Ao passar dos anos Bel e Rumpelstilzchen se aproximam e se tornam grandes amigos, tanto Bel quanto Rumpelstilzchen se apaixonaram.

Em uma bela noite de lua cheia Rumpelstilzchen convoca Bel a um jantar, após o jantar uma linda música começa a tocar e Bel e Rumpelstilzchen começam a dançar, se passaram horas e horas e eles ainda dançavam, até que Rumpelstilzchen começa a desaparecer e aos poucos virou um lindo girassol de ouro, um girassol mais reluzente que a luz do sol.

Logo o castelo se tornou belo e claro de novo.

Anos depois...

Todos os dias Bel iam até o jardim para cuidar do lindo girassol de ouro.

Autora: Rayane Oliveira Celestino
EMEF João XXIII
DRE Butantã
Professora: Silvia Martins

9º ANO

MINICONTO

Tic tac

E o tempo vai embora, deixando-me para trás
com a minha solidão.

Autora: Catarina Alves Irineu
EMEF Almirante Tamandaré
DRE Jacanã/Tremembé
Professora: Ludmilla Mignaco

Insônia

Depois do beijo do príncipe, a Bela Adormecida começou a ter insônia.

Autora: Eduarda Fernandes Mariano
EMEF Padre Gregório Westrupp
DRE São Mateus
Professora: Leticia Aparecida Zafalon Oliveira

Filme de Terror

Estudavam sossegadamente,
de repente viram esse dia virar um pesadelo,
desespero e caos por todo lado,
dois maníacos com armas e um machado.

Autora: Felipe Rodrigues de Lima
EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta
DRE Campo Limpo
Professora: Marisa dos Santos Dias

Tristeza nacional

Estava caminhando pela rua quando ouvi um homem gritar:

– Já é o quarto! Eles não vão fazer nada?!

Continuei a caminhar, vi um aglomerado de pessoas no bar da esquina.

– Foram 7!!

Fiquei apavorado, o que havia acontecido? Uma chacina?

Adentrei na multidão, fiquei paralisado, pessoas tomadas pela raiva e tristeza.

Foi dado o apito final, 7 x 1, realmente uma chacina em campo.

Autora: Ida Letícia Ferreira Santos
EMEF Professora Nilce Cruz Figueiredo
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Maria Isabel Kästner

Convite à morte

A cada passo, RICARDO conduzia Raquel para MORTE. Mal sabia ele, que após o pôr-do-SOL, ela veria o crepúsculo.

Autora: Kailane Cristina Matos dos Santos
EMEF Plínio Ayrosa
DRE Freguesia/Brasilândia
Professora: Maria Ferreira da Silva Santos

Brumadinho

Será que o que fizeram “VALE” todas aquelas vidas?

Autor: Kauan da Silva Nunes
EMEF Nilce Cruz Figueiredo
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Maria Isabel Kästner

Bisavó

Eu era recém-nascido, quando minha mãe me levou para casa, quem mais queria me ver era a minha bisavó, ela me pegou no colo e ficou me olhando por um longo tempo, depois ela foi para o seu quarto descansar, e aquele foi o único e último dia que nos vimos.

Autor: Otávio Santos Pereira
EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta
DRE Campo Limpo
Professora: Marisa dos Santos Dias

Meus sentimentos

Ela, a mulher que me encantou com apenas os olhos, ela que não me disse o nome, ela que me deixou só saudades e um sapatinho de cristal!

Aluna: Ricardo Francisco da Silva
EMEF Padre Gregório Westrupp
DRE São Mateus
Professora: Leticia Aparecida Zafalon Oliveira

Olhos abertos

Uma mulher pôs um ponto final em uma história cruel.

Após 1001 noites, conseguiu fechar os olhos dele para sempre, para que ela e outras mulheres continuassem com os olhos abertos.

Autora: Camilly Oliveira Camargo Moreira
EMEF Plínio Ayrosa
DRE Freguesia/Brasilândia
Professora: Maria Ferreira da Silva Santos

Dura realidade

- Queria que abrisse os olhos...
- Mas já estão abertos!
- Então por que você não enxerga que o meu lugar é onde eu quiser? Não sei o que é pior: esse racismo que te cega ou seu machismo que te domina!

Autora: Ingrid da Silva Martins
EMEF Padre Gregório Westrupp
DRE São Mateus
Professora: Letícia Aparecida Zafalon Oliveira

O roubo do banco e seus funcionários

O banco do qual roubaram 720 kg de ouro demitiu seus funcionários, após a auditoria. Resumo: Faliu.

Autor: Lucas Morais Felizberto Pereira
EMEF Profª Nilce Cruz Figueiredo
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Maria Isabel Kästner

Bullying

Bam! Boom! Bum! Pam! Pum! E todos fecharam os olhos na escola.

Autor: Victor Fernandes Matias da Silva
EMEF Almirante Tamandaré
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Ludmilla Mignaco

Estranha imagem

A casa em que vivemos é muito velha, meus pais me disseram que a minha avó viveu nela até morrer. Estranhamente, aquela velha me olhando no canto do quarto, no escuro, todas as noites, não é a minha avó.

Autora: Raylla Alves Alencar
EMEF Teresa Margarida da Silva e Orta
DRE Campo Limpo
Professora: Marisa dos Santos Dias

Aluga-se

Já fazia seis meses que Geraldo havia deixado sua cidade natal na Paraíba para tentar a vida em São Paulo. Naquele domingo de manhã, estava disposto a ter sua própria casa e deixar aquele quartinho no fundo do lava rápido em que trabalhava. Comprou o jornal e começou a pesquisar:

Zona oeste, nº 71, próximo ao Terminal Barra Funda, dois quartos, um banheiro, garagem com uma vaga. É a casa térrea daquele mulato João, estudante de medicina, que foi morto quando voltava para casa depois de ser confundido com um assaltante. O imóvel tem ótima localização e excelente segurança para você e sua família.

Zona sul, nº 200, 4º andar, amplo apartamento, sala grande, três quartos, duas suítes, vaga para três carros, próximo ao shopping Morumbi. É o apartamento da Maria que foi jogada da janela sem querer pelo marido depois de um desentendimento bobo. Conta ainda com playground amplo, bicicletário e brinquedoteca.

Zona norte, nº 11, casa 3, um quarto, um banheiro, próximo do Jardim Elisa Maria, a 2 km do novo Shopping Cantareira. É o barraco de madeira da mãe daquela menina Maria que foi violentada pelo tio. O imóvel é para você que busca uma vida simples, mas confortável.

Zona leste, nº 40, condomínio fechado de alto padrão em meio à natureza, portaria 24h, cinco quartos, cinco suítes, quatro vagas, amplo quintal, piscina, quadra de tênis e campo de futebol. É o sobrado da família daquele empresário que foi sequestrado e morto quando ia para o dentista. Você e sua esposa vão adorar esse imóvel de luxo com ronda motorizada, todo murado com cerca elétrica, total segurança.

Geraldo resolve fechar o jornal. Respirou fundo como se estivesse suspirando. Pegou uma caixa de sapato em cima do armário, olhou suas economias, contou duas ou três vezes e foi para o terminal rodoviário do Tietê.

Autor: Rodrigo Alencar Guimarães Júnior
EMEF Almirante Tamandaré
DRE Jaçanã/Tremembé
Professora: Ludmilla Mignaco



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

